

PESQUISAS EM TEMAS DE Ciências da Saúde

Volume 16



Ednilson Sergio Ramalho de Souza
(Editor)



Rfb
Editora

PESQUISAS EM TEMAS DE Ciências da Saúde

Volume 16



Ednilson Sergio Ramalho de Souza
(Editor)

Volume 16

PESQUISAS EM TEMAS DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

Edição 1

Belém-PA



© 2022 Edição brasileira
by RFB Editora
© 2022 Texto
by Autor(es)
Todos os direitos reservados

RFB Editora
Home Page: www.rfbeditora.com
Email: adm@rfbeditora.com
WhatsApp: 91 98885-7730
CNPJ: 39.242.488/0001-07
Av. Augusto Montenegro, 4120 - Parque Verde, Belém - PA, 66635-110

Diagramação

Danilo Wothon Pereira da Silva

Design da capa

Pryscila Rosy Borges de Souza

Imagens da capa

www.canva.com

Revisão de texto

Os autores

Bibliotecária

Janaina Karina Alves Trigo Ramos

Gerente editorial

Nazareno Da Luz

<https://doi.org/10.46898/rfb.9786558892373>

Catálogo na publicação
Elaborada por RFB Editora

P474

Pesquisas em temas de ciências humanas / Ednilson Sergio Ramalho de Souza
(Editor) – Belém: RFB, 2022.

(Pesquisas em temas de ciências da saúde, V.16)

Livro em PDF

3.600 KB., il.

ISBN: 978-65-5889-237-3

DOI: 10.46898/rfb.9786558892373

1. Ciências da Saúde., I. Souza, Ednilson Sergio Ramalho de (Editor). II. Título.

CDD 370

Índice para catálogo sistemático

I. Ciências da Saúde.



Todo o conteúdo apresentado neste livro, inclusive correção ortográfica e gramatical, é de responsabilidade do(s) autor(es).

Obra sob o selo *Creative Commons*-Atribuição 4.0 Internacional. Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

Conselho Editorial

Prof. Dr. Ednilson Sergio Ramalho de Souza - UFOPA (Editor-Chefe)

Prof.^a Dr.^a. Roberta Modesto Braga-UFPA

Prof. Dr. Laecio Nobre de Macedo-UFMA

Prof. Dr. Rodolfo Maduro Almeida-UFOPA

Prof.^a Dr.^a. Ana Angelica Mathias Macedo-IFMA

Prof. Me. Francisco Robson Alves da Silva-IFPA

Prof.^a Dr.^a. Elizabeth Gomes Souza-UFPA

Prof.^a Dr.^a. Neuma Teixeira dos Santos-UFRA

Prof.^a Ma. Antônia Edna Silva dos Santos-UEPA

Prof. Dr. Carlos Erick Brito de Sousa-UFMA

Prof. Dr. Orlando José de Almeida Filho-UFSJ

Prof.^a Dr.^a. Isabella Macário Ferro Cavalcanti-UFPE

Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares-UFPI

Prof.^a Dr.^a. Welma Emidio da Silva-FIS

Comissão Científica

Prof. Dr. Laecio Nobre de Macedo-UFMA

Prof. Me. Darlan Tavares dos Santos-UFRJ

Prof. Dr. Rodolfo Maduro Almeida-UFOPA

Prof. Me. Francisco Pessoa de Paiva Júnior-IFMA

Prof.^a Dr.^a. Ana Angelica Mathias Macedo-IFMA

Prof. Me. Antonio Santana Sobrinho-IFCE

Prof.^a Dr.^a. Elizabeth Gomes Souza-UFPA

Prof. Me. Raphael Almeida Silva Soares-UNIVERSO-SG

Prof.^a Dr.^a. Andréa Krystina Vinente Guimarães-UFOPA

Prof.^a Ma. Luisa Helena Silva de Sousa-IFPA

Prof. Dr. Aldrin Vianna de Santana-UNIFAP

Prof. Me. Francisco Robson Alves da Silva-IFPA

Prof. Dr. Marcos Rogério Martins Costa-UnB

Prof. Me. Márcio Silveira Nascimento-IFAM

Prof.^a Dr.^a. Roberta Modesto Braga-UFPA

Prof. Me. Fernando Vieira da Cruz-Unicamp

Prof.^a Dr.^a. Neuma Teixeira dos Santos-UFRA

Prof. Me. Angel Pena Galvão-IFPA

Prof.^a Dr.^a. Dayse Marinho Martins-IEMA

Prof.^a Ma. Antônia Edna Silva dos Santos-UEPA

Prof.^a Dr.^a. Viviane Dal-Souto Frescura-UFSM

Prof. Dr. José Moraes Souto Filho-FIS

Prof.^a Ma. Luzia Almeida Couto-IFMT

Prof. Dr. Carlos Erick Brito de Sousa-UFMA

Prof.^a Ma. Ana Isabela Mafra-Univali

Prof. Me. Otávio Augusto de Moraes-UEMA

Prof. Dr. Antonio dos Santos Silva-UFPA
Prof^a. Dr. Renata Cristina Lopes Andrade-FURG
Prof. Dr. Daniel Tarciso Martins Pereira-UFAM
Prof^a. Dr^a. Tiffany Prokopp Hautrive-Unopar
Prof^a. Ma. Rayssa Feitoza Felix dos Santos-UFPE
Prof. Dr. Alfredo Cesar Antunes-UEPG
Prof. Dr. Vagne de Melo Oliveira-UFPE
Prof^a. Dr^a. Ilka Kassandra Pereira Belfort-Faculdade Laboro
Prof. Dr. Manoel dos Santos Costa-IEMA
Prof^a. Dr^a. Érima Maria de Amorim-UFPE
Prof. Me. Bruno Abilio da Silva Machado-FET
Prof^a. Dr^a. Laise de Holanda Cavalcanti Andrade-UFPE
Prof. Me. Saimon Lima de Britto-UFT
Prof. Dr. Orlando José de Almeida Filho-UFSJ
Prof^a. Ma. Patrícia Pato dos Santos-UEMS
Prof.^a Dr^a. Isabella Macário Ferro Cavalcanti-UFPE
Prof. Me. Alisson Junior dos Santos-UEMG
Prof. Dr. Fábio Lustosa Souza-IFMA
Prof. Me. Pedro Augusto Paula do Carmo-UNIP
Prof^a. Dr^a. Dayana Aparecida Marques de Oliveira Cruz-IFSP
Prof. Me. Alison Batista Vieira Silva Gouveia-UFG
Prof^a. Dr^a. Silvana Gonçalves Brito de Arruda-UFPE
Prof^a. Dr^a. Nairane da Silva Rosa-Leão-UFRPE
Prof^a. Ma. Adriana Barni Truccolo-UERGS
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares-UFPI
Prof. Me. Fernando Francisco Pereira-UEM
Prof^a. Dr^a. Cátia Rezende-UNIFEV
Prof^a. Dr^a. Katiane Pereira da Silva-UFRA
Prof. Dr. Antonio Thiago Madeira Beirão-UFRA
Prof^a. Ma. Dayse Centurion da Silva-UEMS
Prof.^a Dr^a. Welma Emidio da Silva-FIS
Prof^a. Ma. Elisângela Garcia Santos Rodrigues-UFPB
Prof^a. Dr^a. Thalita Thyrza de Almeida Santa Rosa-Unimontes
Prof^a. Dr^a. Luci Mendes de Melo Bonini-FATEC Mogi das Cruzes
Prof^a. Ma. Francisca Elidivânia de Farias Camboim-UNIFIP
Prof. Dr. Clézio dos Santos-UFRRJ
Prof^a. Ma. Catiane Raquel Sousa Fernandes-UFPI
Prof^a. Dr^a. Raquel Silvano Almeida-Unespar
Prof^a. Ma. Marta Sofia Inácio Catarino-IPBeja
Prof. Me. Ciro Carlos Antunes-Unimontes
Prof. Dr. Marcos Pereira dos Santos - FAQ/FAEG

Nossa missão é a difusão do conhecimento gerado no âmbito acadêmico por meio da organização e da publicação de livros científicos de fácil acesso, de baixo custo financeiro e de alta qualidade!

Nossa inspiração é acreditar que a ampla divulgação do conhecimento científico pode mudar para melhor o mundo em que vivemos!

Equipe RFB Editora



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
--------------------	---

CAPÍTULO 1

AVALIAÇÃO DA DOR EM NEONATOS SUBMETIDOS NA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA POR MEIO DA FREQUENCIA CARDIACA ALTERADA: REVISÃO DE LITERATURA.....	11
--	----

Cesario Rui Callou Filho
Francisco Thiago de Oliveira Silva
Vanessa Belmino Holanda Regis
Erica Larissa Moura
Ethel Esthephane Alves Vieira
Edislane Silva Souza
Yara Pessoa Soares
Ana Ofélia Portela Lima
Ane Karoline Medina Neri
Juliana Pinto Montenegro
DOI: 10.46898/rfb.9786558892373.1

CAPÍTULO 2

CÂNCER DE MAMA EM PACIENTES DO SEXO MASCULINO: ASPECTOS CLÍNICOS, EPIDEMIOLÓGICOS E TERAPÊUTICOS	23
--	----

Isadora Marçal Barbosa Fernandes
Bárbara Luysla Silva Curvina
Brena Mesquita Sousa
Layana Cristina Diniz Araújo
Letícia Moucherek do Nascimento Cutrim
Mariana Azevedo Nunes
Yasmin Gama Machado Fernandes Ribeiro
Juliana Gomes
Izabely Lima Assunção
DOI: 10.46898/rfb.9786558892373.2

CAPÍTULO 3

AUTOMEDICAÇÃO EM ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM: UMA REVISÃO DE ESCOPO.....	33
---	----

Thais Santana de Souza
Claudia Moreira de Lima
Paula Fernanda Albonette de Nóbrega
Daniela de Souza Vial Dahmer
Grasiela Cristina Silva Botelho Silvestre
Dayane dos Santos Souza Magalhães
Rayanni Bruna Campos Ferro
Dennislaine Alves Lima Dantas
Amanda Pereira de Siqueira
DOI: 10.46898/rfb.9786558892373.3

CAPÍTULO 4

ABORDAGEM SEXUAL DENTRO DA REALIDADE ADOLESCENTE	47
--	----

Erik Bernardes Moreira Alves
Gustavo Tavares de Mello Maruco
Mariana Aparecida Rodrigues Pereira
Bianca Gabrielle Ferreira Moraes
Gustavo Batista Oliveira
Beatriz Rocha Pereira

Arthur de Moraes Lago
Maria Odília Souza Brito
Vitória Correia dos Santos
Lorena Martins Nagata
Elária Pacífico Rocha
DOI: 10.46898/rfb.9786558892373.4

CAPÍTULO 5

A PRÁTICA REGULAR DE ATIVIDADE FÍSICA VOLTADO AO BEM ESTAR E PROMOÇÃO DA SAÚDE EM PACIENTES 55

Erik Bernardes Moreira Alves
Gustavo Tavares de Melo Maruco
Bianca Gabrielle Ferreira Moraes
Gustavo Batista Oliveira
Marianne Aguiar e Silva
Beatriz Laboissiere Chaer
Arthur de Moraes Lago
Maria Odília Souza Brito
Larissa Mello Brandão
Vittória Gleisla Pereira França
Vitória Correia dos Santos
DOI: 10.46898/rfb.9786558892373.5

CAPÍTULO 6

DESENVOLVIMENTO DE DIABETES MELLITUS TIPO 2 FRENTE CONTAMINAÇÃO PELO VÍRUS SARS-COV-2..... 63

Erik Bernardes Moreira Alves
Gustavo Tavares de Mello Maruco
Laís da Costa Tavares
Bruna Rojo Brito
Gustavo Batista Oliveira
Bruna Victoria Alves Teixeira Furtado
Arthur de Moraes Lago
Iago Mendes Mendonça
Lorena Martins Nagata
Vitória Correia dos Santos
Clara Maria Ribeiro Duarte
DOI: 10.46898/rfb.9786558892373.6

CAPÍTULO 7

ABORDAGEM AO PACIENTE COVID-19 POSITIVO NA ATENÇÃO DENTRO DA ESTRATÉGIA DA FAMÍLIA 71

Erik Bernardes Moreira Alves
Gustavo Tavares de Mello Maruco
Larissa Mello Brandão
Mileny Dyulia Dias Gomes
Gustavo Batista Oliveira
Bruna Victoria Alves Teixeira Furtado
Arthur de Moraes Lago
Laís da Costa Tavares
Vitória Correia dos Santos
Iago Mendes Mendonça
Lorena Martins Nagata
DOI: 10.46898/rfb.9786558892373.7

APRESENTAÇÃO

Prezad@s,

Satisfação! Esse é o sentimento que vem ao meu ser ao escrever a apresentação deste atraente livro. Não apenas porque se trata do volume 16 da Coleção Pesquisas em Temas de Ciências da Saúde, publicado pela RFB Editora, mas pela importância que essa área possui para a promoção da qualidade de vida das pessoas.

Segundo a Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), fazem parte dessa área: MEDICINA, NUTRIÇÃO, ODONTOLOGIA, FARMÁCIA, ENFERMAGEM, SAÚDE COLETIVA, EDUCAÇÃO FÍSICA, FONOAUDIOLOGIA, FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL. Tal área suscita, portanto, uma gama de possibilidades de pesquisas e de relações dialógicas que certamente podem ser relevantes para o desenvolvimento social brasileiro.

Desse modo, os artigos apresentados neste livro - em sua maioria frutos de árduos trabalhos acadêmicos (TCC, monografia, dissertação, tese) - decerto contribuem, cada um a seu modo, para o aprofundamento de discussões na área da Saúde Brasileira, pois são pesquisas germinadas, frutificadas e colhidas de temas atuais que vêm sendo debatidos nas principais universidades nacionais e que refletem o interesse de pesquisadores no desenvolvimento social e científico que possa melhorar a qualidade de vida de homens e de mulheres.

Acredito, verdadeiramente, que a ampla divulgação do conhecimento científico pode mudar para melhor o mundo em que vivemos!

Esse livro é parte da materialização dessa utopia.

Prof. Dr. Ednilson Sergio Ramalho de Souza

Editor-Chefe



CAPÍTULO 1

AVALIAÇÃO DA DOR EM NEONATOS SUBMETIDOS NA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA POR MEIO DA FREQUENCIA CARDIACA ALTERADA: REVISÃO DE LITERATURA

*ASSESSMENT OF PAIN IN NEONATES SUBMITTED
IN THE INTENSIVE CARE UNIT THROUGH CHANGED
CARDIAC FREQUENCY: LITERATURE REVIEW*

Cesario Rui Callou Filho¹
Francisco Thiago de Oliveira Silva²
Vanessa Belmino Holanda Regis³
Erica Larissa Moura⁴
Ethel Esthephane Alves Vieira⁵
Edislane Silva Souza⁶
Yara Pessoa Soares⁷
Ana Ofélia Portela Lima⁸
Ane Karoline Medina Neri⁹
Juliana Pinto Montenegro¹⁰

DOI: 10.46898/rfb.9786558892373.1

1 ruifisio@gmail.com, orcid.org/0000-0002-0390-2830
2 thi-thth@hotmail.com, Orcid: 0000-0001-5966-1952
3 vanessa_belmino11@hotmail.com, Orcid: 0000-0001-7765-7906
4 ericalariisa3@gmail.com, Orcid: 0000-0002-4189-3832
5 ethel.esthephany@hotmail.com, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3849650828066508>
6 edislane_16@hotmail.com, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3041065092952673>
7 yarapsoares@gmail.com, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1799061570911961>
8 anaofelia.pl@gmail.com, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5034886790342825>
9 karolinemedina@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0983533675479368>
10 jupmontenegro@hotmail.com, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2746505474739719>

RESUMO

Objetivo: Descrever por meio da literatura a relação da dor e frequência cardíaca em neonatos na UTI. Métodos: Trata-se de uma revisão de literatura desenvolvida em 2021, tendo como base os artigos de 2010 a 2021, a pesquisa se deu através da busca no Scielo, Bireme e BVS por meio dos termos chaves usando a expressão booleana AND entre os termos. Resultados: Ao final da leitura pode-se observar que as condutas e procedimentos de maior toque manual na pele dos neonatos provocam dor sim e pode-se verificar através da frequência cardíaca elevada e que isto pode alterar o desenvolvimento do sistema nervoso e sequencialmente o comportamento. E, que a dor ainda deve ser uma condição preventiva mesmo estando em ambiente de prevenção. Conclusão: Pode-se concluir que a equipe profissional que atua no recém-nascido é fator importante para a minimização da dor, bem como viu-se que a UTI possui equipamentos e recursos importantes para a avaliação e intervenção.

Palavras-chave: Dor. Frequência cardíaca. Unidades de Terapia Intensiva Pediátrica.

ABSTRACT

Objective: To describe through the literature the relationship between pain and cardiac frequency in neonates in the ICU. **Methods:** This is a literature review developed in 2021, based on the articles from 2010 to 2021, the research was carried out through the search in Scielo, Bireme and VHL through the key terms using the boolean expression AND between the terms. **Results:** At the end of the reading it can be observed that the conducts and procedures with greater manual touch on the skin of neonates cause pain yes and it can be verified through the high cardiac frequency and that this can alter the development of the nervous system and sequentially the behavior. And, that pain should still be a preventive condition even if it is in a preventive environment. **Conclusion:** It can be concluded that the professional team that works in the newborn is an important factor for pain minimization, as well as it was seen that the ICU has important equipment and resources for the evaluation and intervention.

Keywords: Pain. Cardiac Frequency. Pediatric Intensive Care Units.

1 INTRODUÇÃO

Segundo o autor Nogueira *et al.* (2014), diz que a dor é um processo multidimensional, que envolve aspectos físico, sensoriais e emocionais. De acordo com a

International Association for the Study of Pain afirma que a dor pode ser associada com danos reais e/ou potenciais em regiões corporais em tecido, sendo assim percebida como dano.

Assim, a dor pode atingir um complexo de fenômenos de perfil individual e até multidimensionais que acompanha por longos períodos históricos, a sua avaliação, manuseio e controle. Tem sido um grande desafio para os profissionais de saúde (MENOSSE *et al.*, 2008).

Entretanto, é de característica fundamental que a observação da dor em período infantil seja identificada, avaliada e, sobretudo, realizado o tratamento, o que se torna uma tarefa bem complexa para a equipe de profissionais. Contudo, existe a necessidade de que os profissionais se instrumentalizem para melhor prestar assistência e cuidados, além de reconhecer que as crianças devem possuir uma forma particular de perceber e demonstrar essa experiência dolorosa (GONCALVES *et al.*, 2013).

A dor nos neonatos pode ser avaliada por parâmetros cardiorrespiratórios, onde a presença desse sintoma é capaz de levar à ativação do mecanismo compensatório e sistema nervoso autônomo, podendo causar várias alterações cardiorrespiratórios, como as frequências cardíaca e respiratória e a saturação periférica de oxigênio (SILVA *et al.*, 2007).

Contudo, percebe-se que o desenvolvimento da Unidade de Terapia Intensiva Neonatal, relacionado quanto ao avanço da tecnologia, constitui uma forma interessante quanto a abordagem no tratamento e sobrevida de recém-nascidos graves. Ao mesmo tempo, a UTIN é considerada um dos ambientes de saúde mais estressante, onde o recém-nascido é submetido a procedimentos dolorosos na maior parte do tempo, sendo que os mesmos são extremamente necessários para garantir a sua sobrevivência (AAP, 2000).

Para Balda e Guisnburg (2010) relata que em curto prazo, a dor pode causar consequências como, irritabilidade, diminuir atenção e orientação, alterar o padrão do sono, dificuldade alimentar, além de interferir na relação mãe e filho. Em médio e longo prazo, pode ocorrer aumento da sensibilidade à dor, com hipersensibilidade aos estímulos dolorosos e não dolorosos, devido ao aumento das ramificações nervosas no local agredido. A dor repetida pode favorecer o aparecimento de problemas de cognição e déficit de atenção e concentração na vida escola.

Com esse estudo vamos descrever por meio da literatura a relação da dor e frequência cardíaca em neonatos na UTI.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão de literatura, na qual os dados foram obtidos através de uma busca eletrônica, visando resumir os resultados de estudos anteriores para o aprofundamento dos conhecimentos do tema proposto.

Foram utilizados os sites eletrônicos, tais como: Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e a *National Library of Medicine* (MEDLINE). Através da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS- BIREME).

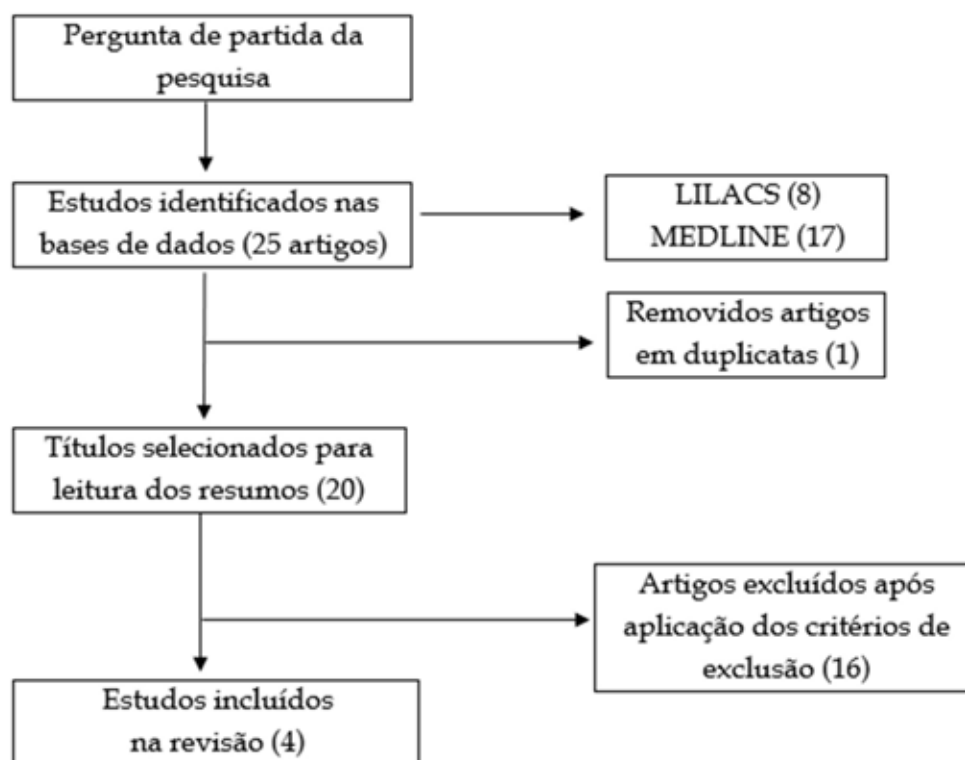
A busca em português foi baseada nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) da Biblioteca Virtual em Saúde, já nos descritores em inglês, investigou-se no *Medical Subject Headings* (MeSH). Encontraram-se as palavras chaves utilizadas na busca em português e inglês. O processo de coleta ocorreu entre os meses de 2021, tendo como leitura os artigos publicados de 2010 a 2020.

As palavras chaves e cruzamentos utilizados na busca nas bases de dados foram: Dor ou *Pain*; Frequência cardíaca ou *Cardiac frequency*; Neonato ou *Newborn*; Unidade de Terapia Intensiva Nacional ou Neonatal.

Estão incluídos os artigos que estavam disponíveis em texto completo e gratuitamente, nos sites LILACS e MEDLINE publicados em português ou inglês, não houve restrição em relação ao ano. Tendo como critério de exclusão editoriais, relatos de casos, artigos que constassem os descritores, entretanto no texto abordavam sobre outros aspectos.

A interpretação e síntese dos dados foram realizadas após uma leitura exaustiva dos artigos, os resultados foram apresentados na forma descritiva. Uma tabela foi formulada para sistematizar os seguintes dados: identificação das publicações com o número do estudo, a base de dados, o título, os autores, sua formação profissional e o ano de publicação, características das publicações envolvendo o número do estudo, seu objetivo, a intervenção e os resultados esperados.

Figura 1 - Fluxograma das etapas quanto a busca, seleção e leitura dos artigos. Fortaleza/CE,2021.



Fonte: Elaborado pelos autores (2021)

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Viu-se que nesse estudo que os artigos encontrados, estão preferencialmente nos idiomas português e inglês, todos disponíveis na base de dados encontrados.

Quadro 1 - Descrição dos artigos com enumeração, títulos, autores, ano de publicação e departamento. Fortaleza/CE,2021.

Nº	Título	Autor	Ano	Departamento
1	Manejo clínico da dor no recém-nascido: percepção de enfermeiros da unidade de terapia intensiva neonatal.	Costa et al.	2016	Faculdade de Medicina do Hospital Universitário Antônio Pedro (HUAP), da Universidade Federal Fluminense (UFF).
2	Equipe de enfermagem diante da dor do recém-nascido pré-termo.	Amaral et al.	2013	Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Uberaba - MG, Brasil.
3	Sensitization of Cardiac Responses to Pain in Preterm Infants.	Pineles et al.	2007	University of California, Irvine, Calif., USA.
4	A vibração torácica na fisioterapia respiratória de recém-nascidos causa dor?	Lanza et al	2010	Centro Universitário São Camilo, São Paulo, SP, Brasil.

Fonte: Elaborado pelos autores (2021)

Quadro 2 - Caracterização dos resultados quanto a enumeração dos artigos, seguido da base de dados onde são encontrados, idioma do artigo, objetivos e delineamento dos respectivos estudos. Fortaleza/CE,2021.

Nº	Base de Dados	Idioma	Objetivos	Delineamento do Estudo
1	LILACS	Português /Inglês	Analisar a percepção dos enfermeiros acerca da clínica da dor no neonato na unidade de terapia intensiva neonatal	Estudo descritivo, exploratório, de abordagem qualitativa.
2	LILACS	Português	Este estudo objetivou caracterizar a equipe de enfermagem e identificar as formas de avaliação e manejo da dor do recém-nascido (RN) prematuro	Estudo exploratório-descriptivo.
3	MEDLINE	Inglês	Para executar avaliações seriadas de sangue de três heelstick desenha para examinar as mudanças iniciais , tanto em respostas fisiológicas e comportamentais à exposição repetida a estímulos dolorosos em recém nascidos prematuros .	Estudo exploratório-descriptivo.
4	LILACS	Português	Avaliar a dor em recém-nascidos pré-termo (RNPT) submetidos à fisioterapia respiratória em Unidade de Terapia Intensiva Neonatal.	Estudo transversal

Fonte: Elaborado pelos autores (2021)

Quadro 3 - Enumeração dos artigos, seguidos da síntese de resultados e conclusão. Fortaleza/CE,2021.

Nº	Síntese de Resultados	Conclusão
1	O entendimento do mecanismo da dor neonatal, qual não depende da formação completa da mielinização; a falta de verbalização do recém-nascido e esse fato dificulta a avaliação da dor, contudo é preciso estar sensível a outros sinais fisiológicos e comportamentais como: a mímica facial, frequência cardíaca e respiratória, pressão arterial sistólica, a saturação de oxigênio, sudorese palmar e tônus vagal.	Constitui uma prática a ser repensada, a utilização de protocolos e escalas para a avaliação dos indicadores de dor neonatal.
2	33 (78,6%) técnicos de enfermagem e 9 (21,4%) enfermeiros; 13 (31%) tinham entre 26 e 30 anos de idade e eram do sexo feminino. Todos os profissionais concordaram sobre a capacidade do RN de sentir dor. O choro, 42 (100%); face, 40 (95,2%); e frequência cardíaca, 39 (92,8%), foram os parâmetros de avaliação mais mencionados. As condutas citadas foram as não farmacológicas.	A equipe acredita na capacidade do RN de sentir dor, articulada aos indicadores fisiológicos com os comportamentais, porém há necessidade de capacitação sobre o tema.
3	Coração taxa e agitação comportamental aumentou significativamente durante cada heelstick em relação à linha de base. A resposta da frequência cardíaca foi maior para o terceiro heelstick , em comparação com o dois primeiros procedimentos. Respostas comportamentais não se alterou entre as três avaliações.	Prematuro saudável lactentes sensibilizar a dor heelstick - induzida, tal como medido pela suas respostas da frequência cardíaca . Estes dados sugerem que a maior a atenção para os efeitos da dor repetida para o recém-nascido é necessário.

4	Foram avaliados 13 RNPT, com média de idade gestacional $32,5 \pm 2,0$ semanas e peso de nascimento 1830 ± 442 g. Não foi observada pontuação de dor durante toda a avaliação: pré: $0,5 \pm 1,7$; durante: $1,5 \pm 1,4$; pós-i: $1,0 \pm 1,3$; pós-30: $0 \pm 0,3$, porém houve diferença estatisticamente significativa entre a fase pós-i e pós-30 na escala NFCS ($p < 0,05$). A FC variou de 120 a 150bpm, a SpO2 permaneceu acima de 95%, e a FR entre 40 e 62rpm, sem diferenças entre os períodos.	Neste grupo de pacientes prematuros internados em UTI neonatal e submetidos à realização de fisioterapia respiratória pela técnica de vibração torácica, não foram observadas alterações fisiológicas e comportamentais de dor.
---	---	---

Fonte: Elaborado pelos autores (2021)

Os avanços quanto aos níveis de prestação de assistência ao neonato nos últimos períodos nos levam a perceber que nas últimas décadas houve considerado percentual de aumento da sobrevivência de recém-nascidos (Rn) classificados como pré-maturos e os doentes aumentaram o quantitativo de número de procedimentos realizados nas unidades de cuidados intensivos neonatais. Repetidos procedimentos ocorrem rotineiramente em recém-nascidos que requerem cuidados intensos (ANAND, 2001; BARRINGTON *et al.*, 2007).

Foi visto na leitura dos artigos que atualmente há sugestão que a forma de exposição repetida e prolongada da dor pode alterar o desenvolvimento do sistema nervoso e sequencialmente o comportamento do neonato ao jovem.

A prevenção da dor torna-se relevante, não somente por causa dos aspectos éticos, mas também pelo potencial de consequências deletérias quanto à forma exposta repetida da dor no neonato. Sequelas podem ser incluídas mediante alterações da sensibilidade, fisiológicas e alterações comportamentais. Pode-se verificar através de um estudo que o posicionamento na rede é uma opção de tratamento eficaz para reduzir a dor (RIBAS *et al.*, 2019), para outros autores o posicionamento do bebê, é uma técnica importante no alívio da dor e a não elevação da frequência cardíaca pois a organização comportamental mostrou-se eficaz na redução da dor (METREŞ; YILDIZ, 2019).

A redução de estímulos visuais e auditivos é uma técnica simples de ser incorporada na UTIN e pode ser aplicada em procedimentos de rotina, como a punção venosa. Se os resultados mostrarem redução da dor, isso implicaria em benefício direto para o paciente, melhora do quadro clínico e redução dos problemas de morbidade em curto e longo prazo (JUAREZ *et al.*, 2020)

Ressalta-se a importância da implantação e padronização das escalas que possibilitam uma avaliação correta da dor no RN (CAETANO *et al.*, 2013). Por isso a importância de que desde a graduação haja inserção dessa temática e de forma con-

tínua para que o profissional possa relacionar a teoria à prática viabilizando, assim, uma melhor oferta de cuidado ao neonato submetido a UTI (CAMPOS, 2018)

Verifica-se assim, a necessidade urgentemente também para as questões da padronização de protocolos por aqueles profissionais que executam procedimentos invasivos e que ocasionam por ventura dor no neonato. As unidades de terapia intensiva neonatal é um local onde os neonatos são expostos a protocolos dolorosos e estressantes durante toda sua estadia (SANTOS *et al.*, 2012).

Logo, uma pesquisa ressalta que mesmo sendo reconhecida a ocorrência de dor no período neonatal, os profissionais atuantes não apresentavam conhecimento das escalas disponíveis para avaliação (FREITAS; PEREIRA; OLIVEIRA, 2018). Estudos mostram que os neonatos, quando estão na fase de prematuridade ou a termo, possuem os componentes anatômico-fisiológicos necessários para a percepção da dor, por isso desde o nascimento deve-se averiguar a dor nesta população (MEDEIROS; MADEIRA, 2006).

E, para garantir padronizações em procedimentos que reduzam a dor no neonato, uma medida importante é a segurança do paciente, essa forma garante que as boas práticas na assistência ao neonato favoreçam controle melhor dos procedimentos pela equipe multiprofissional (GAÍVA *et al.*, 2018).

Em um estudo sobre a dor ocasionada mediante aos diversos fatores característico por fatores relacionados ou não da UTI (CHERMONT *et al.*, 2003), com relação à análise da dor, estes autores investigaram de forma subjetiva, como eles percebiam a dor de seus pacientes (crianças), no caso, as respostas norteavam que somente um terço dos pediatras conhecia alguma escala para avaliação da dor. E, além da ausência deste sintoma uma outra condição importante para prognóstico satisfatório dos neonatos é a obtenção de um bom escore na Escala de Apgar (ALBURQUERQUE *et al.*, 2021).

Sobre questões que norteiam avaliação (escalas) e dor, percebe-se que as escalas avaliativas no recém-nascido estão disponíveis desde o final da década dos anos 80 e sendo usada globalmente e recomendada na literatura em geral como referência (SILVA *et al.*, 2007).

Esta informação torna-se preocupante, pois, segundo Binotto *et al.* (2021), o conhecimento embasado na teoria e na prática do cotidiano caminha passo a passo e, com certeza, são variáveis importantes para que o profissional que seja qualificado na área da saúde possua competência de decifrar e agir no evento da nocicepção,

aderindo métodos essenciais para que as mudanças possam ser incorporadas na prática.

Entre os fatores limitantes ao estudo pode-se destacar que, ainda, que ficou visível a necessidade de pesquisas resultantes a respeito da questão, da mesma maneira que o avanço de normas de cuidados ou interferências da área da enfermagem em conjunto com a neonato em episódios de conflito da dor aperfeiçoando o auxílio na prevenção.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O serviço de saúde que concentra os cuidados intensivos, em especial nesse contexto do neonatal é o local que se concentra diversos recursos técnicos e humanos de caráter especializado, sendo capaz de realizar atendimento que garanta cuidados rigorosos e condutas de tratamento adequado ao recém-nascido, independentemente de sua classificação. Assim, torna-se importante quanto ao trabalho de uma equipe que tenha preparo e experiência para administrar a melhor forma para evitar a dor no neonato, de preferência baseado em procedimentos que garantam a qualidade, em planejar todo cuidado, para que todos profissionais exerça sua atuação de maneira eficaz durante o manejo. Visto que a dor pode ser classificada de diversas formas, se faz necessários instrumentos que normatize as condutas realizadas por dia.

REFERÊNCIAS

AMERICAN ACADEMY OF PEDIATRICS. Prevention and management of pain and stress in the neonate. American Academy of Pediatrics. Committee on Fetus and Newborn. Committee on Drugs. Section on Anesthesiology. Section on Surgery. Canadian Paediatric Society. Fetus and Newborn Committee. **Pediatrics**, Illinois, v. 105, n. 2, p. 454-61, 2000.

ANAND, K. J.; International Evidence-Based Group for Neonatal. Consensus statement for the prevention and management of pain in the newborn. **Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine**, Illinois, v. 155, n. 2, p. 173-180, feb. 2001.

BALDA, X. C. R.; GUINBURG, R. Avaliação da dor no período neonatal. In: KOPELMA, I. B. **Diagnóstico e tratamento em neonatologia**. São Paulo: Atheneu; 2004. p. 577-585.

BARRINGTON, K. J.; et al. Prevention and management of pain in the neonate: an update. **Paediatrics & Child Health**, New Jersey, v. 12, n. 2, p. 137-138, 2007.

BINOTTO, N. S.; et al. Implementation of a protocol for pharmacological treatment of pain in hospitalized children. **BrJP**, São Paulo, v. 4, n. 2, 124-129, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5935/2595-0118.20210024>

CAETANO, E. A., et al. O recém-nascido com dor: atuação da equipe de enfermagem. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 439-445, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-81452013000300006>

CAMPOS, A. P. S. Neonatal pain: knowledge, attitude and practice of the nursing team. **BrJP**, São Paulo, v. 1, n. 4, p. 354-358, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5935/2595-0118.20180067>

CHERMONT A. G.; et al. O que os pediatras conhecem sobre avaliação e tratamento da dor no recém-nascido? **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 79, n. 1, p. 265-272, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0021-75572003000300014>

FREITAS, Z. M. P.; PEREIRA, C. U., OLIVEIRA, D. M. P. Pain Scale: When the Training Influences Its Use. **Open Journal of Nursing**, v. 8, n. 2, p. 130-138, 2018. DOI: <https://doi.org/10.4236/ojn.2018.82011>

GAÍVA, M. A. M.; RONDON, J. N.; JESUS, L. N. Segurança do paciente em unidade de terapia intensiva neonatal: percepção da equipe de enfermagem. **Revista da Sociedade Brasileira de Enfermeiros Pediatras**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 14-20, 2017.

GONCALVES, B.; et al. O cuidado da criança com dor internada em uma unidade de emergência e urgência pediátrica. **Revista Dor**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 179-183, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1806-00132013000300005>

JUAREZ, M. B.; et al. Reduction of visual and auditory stimuli to reduce pain during venipuncture in premature infants. Study protocol for a randomized controlled trial. **Journal of advanced nursing**, New Jersey, v. 76, n. 4, p. 1077-1081, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1111/jan.14300>

MEDEIROS, M. D.; MADEIRA, L. M. Prevenção e tratamento da dor do recém-nascido em terapia intensiva neonatal. **Revista Mineira de Enfermagem**, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 118-124, 2006.

MENOSSE, M. J.; LIMA, R. A. G.; CORRÊA, A. K. Pain and the challenge of interdisciplinarity in child care. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 3, p. 489-494, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-11692008000300025>

METREŞ, Ö.; YILDIZ, S. Pain Management with ROP Position in Turkish Preterm Infants During Eye Examinations: A Randomized Controlled Trial. **Journal of pediatric nursing**, Amsterdã, v. 49, e81-e89, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.pedn.2019.08.013>

NOGUEIRA, R. T. E.; et al. Situação difícil em dor oncológica: dor do tipo breakthrough. **Revista Dor**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 41-47, 2014. DOI: <https://doi.org/10.5935/1806-0013.20140010>

RIBAS, C. G.; et al. Effectiveness of Hammock Positioning in Reducing Pain and Improving Sleep-Wakefulness State in Preterm Infants. **Respiratory Care**, Irving, v. 64, n. 4, p. 384-389, 2019. DOI: <https://doi.org/10.4187/respcare.06265>

SANTOS, L. M.; et al. Avaliação da dor no recém-nascido prematuro em Unidade de Terapia Intensiva. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília-DF, v. 65, n. 1, p. 27-33, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672012000100004>

SILVA, Y. P.; et al. Avaliação da dor em neonatologia. **Revista Brasileira de Anestesiologia**, Campinas, v. 57, n. 5, p. 565-574, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-70942007000500012>



CAPÍTULO 2

CÂNCER DE MAMA EM PACIENTES DO SEXO MASCULINO: ASPECTOS CLÍNICOS, EPIDEMIOLÓGICOS E TERAPÊUTICOS

BREAST CANCER IN MALE PATIENTS: CLINICAL, EPIDEMIOLOGICAL AND THERAPEUTIC ASPECTS

Isadora Marçal Barbosa Fernandes¹

Bárbara Luysla Silva Curvina²

Brena Mesquita Sousa³

Layana Cristina Diniz Araújo⁴

Letícia Moucherek do Nascimento Cutrim⁵

Mariana Azevedo Nunes⁶

Yasmin Gama Machado Fernandes Ribeiro⁷

Juliana Gomes⁸

Izabely Lima Assunção⁹

DOI: 10.46898/rfb.9786558892373.2

¹ Centro de Ciências da Saúde, Universidade CEUMA, São Luís-Maranhão, Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3651-6618>
/ e-mail: isadoramarcalbf@gmail.com

² Centro de Ciências da Saúde, Universidade CEUMA, São Luís-Maranhão, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2392-4324>
/ e-mail: barbaracurvina@hotmail.com

³ Centro de Ciências da Saúde, Universidade CEUMA, São Luís-Maranhão, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7875-0739>
/ e-mail: brenadmesquita21@hotmail.com

⁴ Centro de Ciências da Saúde, Universidade CEUMA, São Luís-Maranhão, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0881-7061>
/ e-mail: layanadaraújo@hotmail.com

⁵ Centro de Ciências da Saúde, Universidade CEUMA, São Luís-Maranhão, Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6235-4902>
/ e-mail: l.cutrim@yahoo.com

⁶ Centro de Ciências da Saúde, Universidade CEUMA, São Luís-Maranhão, Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6450-0838>
/ e-mail: mariana-nunes10@hotmail.com

⁷ Centro de Ciências da Saúde, Universidade CEUMA, São Luís-Maranhão, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2245-1692>
/ e-mail: yasmingmmachado@gmail.com

⁸ Centro de Ciências da Saúde, Universidade CEUMA, São Luís-Maranhão, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9809-4564>
/ e-mail: julianagomesc@hotmail.com

⁹ Centro de Ciências da Saúde, Universidade CEUMA, São Luís-Maranhão, Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8262-9192>
/ E-mail: izabelyyyyy@gmail.com

RESUMO

O câncer de mama é uma doença rara na população masculina e se caracteriza por cerca de 1% dos casos de cânceres e de menos de 1% de todos os tumores que acometem homens. Este trabalho teve como objetivo avaliar os aspectos clínicos, epidemiológicos e terapêuticos do câncer de mama em pacientes do sexo masculino. O presente artigo trata-se de revisão de bibliografia sistemática de natureza quantitativa, que utilizou as plataformas PubMed, LILACS, *Scientific Electronic Library On-line* (SciELO) e *Google Scholar* como base de dados para pesquisa dos artigos científicos. Foram utilizadas literaturas publicadas entre 2010-2021, nas línguas portuguesa e inglesa, que abordavam o seguinte tema: “Câncer de mama em pacientes do sexo masculino: Aspectos clínicos, epidemiológicos e terapêuticos”. Para que o prognóstico do câncer de mama masculino tenha melhores resultados, são necessárias ações voltadas não só para o tratamento, mas para a prevenção e diagnóstico precoce da doença. Concluiu-se que a detecção precoce possibilita maiores chances de cura além de que ocorra a conscientização à necessidade de abordar aos homens cuidados preventivos no que se referem à prevenção, rastreamento e tratamento.

Palavras-chaves: Câncer de mama no sexo masculino; manifestações clínicas; epidemiologia.

ABSTRACT

Breast cancer is a rare disease in the male population and characterizes about 1% of cancer cases and less than 1% of all tumors that affect men. This study aimed to evaluate the clinical, epidemiological and therapeutic aspects of breast cancer in male patients. The present work is a systematic literature review of a quantitative nature, which used the platforms PubMed, LILACS, *Scientific Electronic Library On-line* (SciELO) and *Google Scholar* as a database for researching scientific articles. Literature published between 2010-2021, in Portuguese and English was used, which addressed the following topic: “Breast cancer in male patients: Clinical, epidemiological and therapeutic aspects”. In order for the prognosis of male breast cancer to have better results, actions aimed not only at treatment, but at prevention and early diagnosis of the disease are necessary. It was concluded that early detection allows greater chances of cure in addition to raising awareness of the need to approach men with preventive care in terms of prevention, screening and treatment.

Keywords: Male breast cancer; clinical manifestations; epidemiology.

INTRODUÇÃO

O câncer de mama é uma doença rara na população masculina e caracteriza-se por cerca de menos de 1% dos casos de cânceres de mama e de menos de 1% de todos os tumores que acometem homens, sendo responsável por 0,1% das mortes. Diferente do câncer de mama nas mulheres a prevalência da idade média dos pacientes no momento do diagnóstico é de 60 a 70 anos, sendo rara antes dos trinta. Além disso, estudos realizados nos Estados Unidos verificaram que a taxa de ocorrência de câncer de mama em homens negros chegou a ser de 48% a 60% mais elevada em relação a homens brancos (Nogueira *et al.*, 2014).

Apesar de ser uma doença incomum, o número de casos de câncer de mama em homens tem crescido nas últimas décadas, de forma que nos Estados Unidos são relatados 1500 novos casos, ao passo que na década de 70 eram relatados 700 novos casos da doença por ano (De Santana Araujo *et al.*, 2019). A incidência dessa doença também varia de acordo com a distribuição geográfica, destacando países do Continente Africano como Zâmbia e Egito, enquanto na Europa e Estados Unidos a frequência é de 1 para cada 100.000 habitantes, sendo que no Japão o número de casos é mais reduzido ainda (Nogueira *et al.*, 2014). Essa distribuição geográfica pode ser explicada pelos hábitos alimentares, com predominância de substâncias semelhantes ao estrógeno (Bonfim *et al.*, 2013).

Entre os principais fatores de riscos associados a essa doença na população masculina estão os antecedentes familiares, fatores ambientais e fatores hormonais, além de obesidade, insuficiência hepática, tumores de próstata ou de testículo assim como a presença de ginecomastia. A história familiar positiva em parentes de primeiro grau está presente em 20% dos casos, sendo a mutação do gene BRCA2 a mais comum e pode ser associada entre 4% a 40% dos casos. Pacientes em tratamento hormonal para o câncer de próstata fazendo uso de estrogênio exógeno apresentam risco elevado para o desenvolvimento de câncer de mama. Além disso, evidências mostram que em portadores da síndrome de Klinefelter existe um risco de 20 a 50 vezes maior quando comparados a outros homens (Nogueira *et al.*, 2014).

O quadro clínico apresenta-se por meio de lesões semelhantes as das mulheres, com espessamento do tecido glandular mamário, retração na pele, presença de nódulo sólido geralmente indolor, secreção papilar sanguinolenta e, posteriormente, aparecimento de úlcera (HAAS *et al.*, 2009), sendo apenas 1% dos casos bilaterais e já os demais acometem em grande maioria a mama esquerda (De Santana Araujo *et al.*, 2019).

Em relação às características histopatológicas o carcinoma ductal *in situ* representa cerca de 10% dos casos, sendo os padrões de crescimento papilares e cribrí-

formas mais encontrados. O carcinoma lobular *in situ* em homens é raro, devido ao fato de que a mama masculina não possui lóbulos terminais (De Santana Araujo *et al.*, 2019). Quanto ao prognóstico, o câncer de mama masculino tem pior prognose quando comparado ao câncer em mulheres devido a fatores como menor quantidade de tecido mamário, localização central, maior proximidade do tumor com a pele e ao plano muscular. Esses fatores em associação promovem um ambiente propício à invasão e a disseminação vascular o que consequentemente piora o prognóstico na população masculina (Bonfim *et al.*, 2013).

O diagnóstico na grande maioria dos casos ocorre tardiamente, em estádios mais avançados, numa faixa etária de 60 anos o que é considerado tardio quando comparado ao diagnóstico em mulheres, de forma que esse atraso aumenta os riscos de morbimortalidade. No geral o diagnóstico é feito através de exames de imagem como a mamografia e a ecografia, seguidos de biópsia (Bonfim *et al.*, 2013). A mamografia é indicada para homens acima de 50 anos com lesões mamárias, visto que apresentam sensibilidade de 92% e especificidade de 90% (De Santana Araujo *et al.*, 2019).

O tratamento associado a neoplasia mamária na população masculina inicialmente é feito através da abordagem cirúrgica que pode ser seguida ou não de quimioterapia, radioterapia e/ou hormonioterapia (Bonfim *et al.*, 2013). A radioterapia é mais indicada após a realização de mastectomia, ao passo que a quimioterapia pode apresentar caráter curativo ou paliativo sendo indicada para pacientes com invasão linfonoidal ou de risco. Já a hormonioterapia é indicada nos casos em que os tumores apresentam resposta positiva para receptores hormonais (De Santana Araujo *et al.*, 2019).

Tendo em vista que a incidência do câncer de mama tem se elevado nos últimos anos somada ao pior prognóstico quando associado ao câncer de mamãe em mulheres devido ao diagnóstico tardio, esse estudo tem como objetivo avaliar os aspectos clínicos, epidemiológicos e terapêuticos do câncer de mama em pacientes do sexo masculino.

MATERIAL E MÉTODOS

Os procedimentos metodológicos de um trabalho acadêmico é um processo lógico com finalidade principal de atingir um determinado fim ou para se chegar ao conhecimento de um determinado assunto. Com isso, o seguinte trabalho deu-se de uma revisão bibliográfica sistemática de natureza quantitativa, que utilizou as plataformas PubMed, LILACS, *Scientific Eletronic Library On-line* (SciELO) e *Google Scholar* como base de dados para pesquisa dos artigos científicos. Foram utilizadas literaturas publicadas entre 2010-2021, nas línguas portuguesa e inglesa, que abor-

davam o seguinte tema: “Câncer de mama em pacientes do sexo masculino: Aspectos clínicos, epidemiológicos e terapêuticos”.

Nesta revisão, os critérios de exclusão utilizados foram: Livros, documentos de projetos de dissertação, resumos em eventos, editoriais, artigos que não cumpriam os critérios de inclusão e artigos duplicados. Além disso, foram utilizadas as seguintes palavras-chave: “câncer de mama no sexo masculino”, “manifestações clínicas”, “epidemiologia”.

Para a realização desse estudo, a primeira etapa foi a organização do problema a ser pesquisado, para posteriormente avaliar e aplicar todo o máximo do material bibliográfico disponível, uma vez que o tema deve conter relevância tanto teórica como prática e proporcionar interesse de ser estudado. Seguindo esse raciocínio, para que se possa atingir o destino cogitado, a pesquisa será dividida em três fases principais, como pode ser verificado no quadro 1.

Quadro 1 - Etapas da pesquisa

1ª ETAPA	2ª ETAPA	3ª ETAPA
Escolha do tema	Escolhas de procedimentos metodológicos	Discussão de resultados encontrados no estudo
Delimitação dos objetivos	Realização dos resultados e discussão	Conclusão do trabalho

Fonte: autores

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados dos artigos pesquisados apresentam-se inseridos no quadro 2.

Quadro 2 - Resultados da pesquisa

Título	Autor/ano	Objetivo do trabalho	Observações
Epidemiologia do câncer de mama em homens	Haas <i>et al.</i> , 2009	Entender que o diagnóstico tardio e uma sintomatologia com maior duração são fatores para estágios avançados da doença e um pior prognóstico, contribuindo para a piora das taxas de sobrevivência no mundo	A maioria das lesões no sexo masculino são benignas (99%). Representam 1,2% dos diagnosticados nos EUA, 1% dos cânceres de mama na Europa. Na África sub-saariana a porcentagem é alta, em torno de 15%, na Coreia a incidência representa 0,38%. No Japão representou 0,49% do total de casos

Câncer de mama em homens	Nogueira <i>et al.</i> , 2015	Entender como a epidemiologia, os fatores de risco, a histopatologia e os marcadores tumorais influenciam no câncer de mama em homens	A histopatologia do câncer de mama em homens difere da de mulheres, tendo como consequência um avanço na proliferação da doença fazendo com que o tratamento seja diferente também
Câncer de mama em homens	De Santana Araujo <i>et al.</i> , 2018	Entender como ele age nos homens em relação aos aspectos clínicos, radiológicos, terapêuticos e de prognóstico	Nota-se que tais fatores estão associados ao câncer de mama em homens, mas devido à falta de divulgação e de campanhas de prevenção informando que ele acomete o sexo masculino, resulta em um prejuízo na sua detecção, tendo como consequência um avanço na doença piorando o seu prognóstico
Análise do conhecimento masculino frente ao câncer de mama	Bonfim <i>et al.</i> , 2021	Analisar que boa parte dos entrevistados (cerca de 85,5%) não tinham conhecimento do câncer de mama em homens, gerando como consequência uma dificuldade na chance de cura quando detectado	Essa pesquisa foi realizada, principalmente, por adultos jovens (87,9%) e foi concluído que a maior parte dos homens não associam o câncer de mama ao sexo masculino, logo, ignorando os sintomas e só procuram atendimento médico quando a doença já está se proliferando
Conhecimentos, mitos e implicações para o cuidado de enfermagem no câncer de mama masculino.	Ramos <i>et al.</i> , 2017	Compreender que o conhecimento que a maioria dos homens têm são escassas e a procura por atendimento médico só há quando a doença já está estabelecida ou se for uma urgência	A baixa procura por atendimento médico é baseado no fato de a maioria não poder faltar o trabalho para se consultar, deixando a saúde em segundo plano ou não tem conhecimentos sobre os cuidados gerais
Qualidade de vida de homens com câncer de mama: revisão sistemática	Rambo <i>et al.</i> , 2020	Avaliar a necessidade de um trabalho de conscientização para prevenção do câncer de mama no sexo masculino, viabilizando o tratamento precoce,	O estereótipo social de que os homens não estão suscetíveis a esse tipo de câncer resultam em um diagnóstico tardio e muito comumente a uma falta de adesão ao tratamento refletindo na sua qualidade de vida com aumento da prevalência e mortalidade.

		a possibilidade de um tratamento efetivo e seguro, resultando em um melhor prognóstico.	
Câncer de mama em homem: um relato de caso	Lunardelli <i>et al.</i>	Evidenciar as poucas opções de métodos diagnósticos efetivos para avaliação de casos masculinos, os tratamentos casos em homens prejudicando as evidências científicas desse público alvo.	Por ser uma doença ainda pouco referenciada no meio científico e pouco divulgada para a sociedade torna-se difícil a conduta médica em benefício do paciente.
Câncer de mama no homem: análise dos aspectos epidemiológicos, clínicos e terapêuticos em serviço formal brasileiro.	Bonfim, 2014	Descrever casos de acordo com seu perfil epidemiológico, terapêuticos e clínicos.	Foram descritos 16 pacientes entre 61-75 anos, em sua maioria com perfil social mais baixo, procedentes do interior do Maranhão, casados, lavradores, analfabetos. Predominando o tipo histológico Carcinoma ductal infiltrante, principalmente na região retroareolar de ambas as mamas, a maioria dos casos em fase de estágio inicial submetidos a o tratamento cirúrgico de mastectomia total, seguido de quimioterapia, radioterapia e hormonioterapia.

Fonte: autores

O câncer é uma multiplicação desordenada de células, não controladas pelos mecanismos fisiológicos corporais. O tumor de mama é um dos mais comuns entre o público feminino, entretanto, pouco se discute sobre essa patologia na população masculina. Apesar de ser raro, correspondendo a apenas 1% dos acometimentos tumorais mamários, o prognóstico da doença entre os homens é desfavorável, principalmente pelo diagnóstico tardio (Ramos *et al.*, 2017).

A incidência do câncer de mama em pacientes do sexo masculino aumentou cerca de 26% nos últimos 25 anos, sendo o diagnóstico, geralmente, da sexta a sétima década de vida (Araújo *et al.*, 2019). Dessa forma, a média de idade é alta, já que a população masculina retarda a procura por serviços de saúde, devido a educação

em cuidados curativos e não preventivos, buscando profissionais da área apenas quando sentem dor ou um aumento muito avantajado da mama, sinais de estágios avançados da doença. Com isso, o prognóstico do paciente masculino tende a ser pior, justamente pela demora do diagnóstico (Ramos *et al.*, 2017).

Em relação aos fatores de risco, os antecedentes familiares possuem grande importância epidemiológica, sendo o parentesco de primeiro grau relacionado a um risco 2,5 vezes maior do que um paciente sem pais, irmãos ou filhos acometidos pela doença. Além disso, alterações genéticas, principalmente nos genes BRCA1 e BRCA2, uma herança autossômica dominante, são fatores importantes que em geral causam piora no prognóstico do paciente (Araújo *et al.*, 2019). Causas epidemiológicas, como excesso de estrogênio, obesidade, doenças testiculares, como orquites e criptorquidia, distúrbios hepáticos, Síndrome de Klinefelter (elevam o risco em até 50 vezes), alcoolismo e tabagismo também estão relacionados ao aumento da prevalência do câncer de mama no sexo masculino (Rambo *et al.*, 2020).

Antes da puberdade, as mamas masculinas e femininas são consideradas iguais, formadas por tecido adiposo e fibroso, possuindo uma baixa quantidade de glândulas, o que torna o ambiente propício para proliferação de células cancerígenas (Ramos *et al.*, 2017). Além disso, na anatomia do corpo do sexo masculino, existe uma aproximação entre os músculos e a lesão tumoral, o que favorece a disseminação vascular, linfáticas e estruturais nas proximidades das mamas (Araújo *et al.*, 2019). Tais fatores, associados ao diagnóstico tardio da doença, pioram o prognóstico e dificultam o tratamento do paciente com câncer de mama.

O diagnóstico dos tumores de mama em homens, diferente dos tumores femininos, tem pouca probabilidade de ser descoberto em sua fase assintomática, o que impede que ocorra um rastreamento. Ao exame físico, os achados mais comuns são massas mamárias subalveolares, de aspecto firme, indolor e central, em até 80% dos casos, tendo grande predileção pelo lado esquerdo. Outros sinais e sintomas que podem ser citados são: retrações, descargas papilares e ulcerações. Dessa maneira, devido a pobre sintomatologia, o diagnóstico da doença é auxiliado por exames de imagem, entre eles, a mamografia, ecografia, ressonância magnética e ultrassonografia (Nogueira *et al.*, 2014).

A mamografia deve ser o primeiro exame solicitado, na incidência craniocaudal e mediolateral-oblíqua, apresentado achados caracterizados como massa excêntrica, com margens espiculadas, lobulares e distorção da arquitetura mamária. Já a ultrassonografia pode ser útil para avaliar a cadeia linfonodal e proximidades da mama. A confirmação diagnóstica é mediante biópsia, procedimento realizado com agulha de grosso calibre ou punção aspirativa com agulha fina, sendo os achados

histopatológicos 90% correspondentes a carcinomas invasores e 10% a carcinoma *in situ* (Nogueira *et al.*, 2014).

O tratamento do câncer de mama em homens, devido a baixa prevalência, recebe pouco investimento em estudos clínicos randomizados para orientar a terapêutica, logo, as diretrizes do câncer de mama em mulheres são usadas também nos tumores masculinos (Araújo *et al.*, 2019). Portanto, o tratamento padrão recomendado é o cirúrgico, sendo realizada a mastectomia completa do tecido mamário, incluindo também compartimento axilar e mamilo. Em estados avançados de tumor, pode ser necessários enxertos cutâneos. A terapia com radioterapia segue as mesmas indicações da população feminina, sendo utilizada em tumores grandes, extensão do tumor para pele, aréolas, músculos ou cadeia linfonodal. Esse procedimento tem sido realizado com mais frequência em homens, já que, geralmente, são tumores mais avançados em comparação com os das mulheres, ocorrendo o diagnóstico, em sua maioria, nos estágios III e IV (Nogueira *et al.*, 2014).

Além dessas terapias, o tratamento antiestrogênico, utilizando o tamoxifeno, vem sendo difundido. Estudos não randomizados demonstraram aumento da sobrevida entre homens que fizeram uso do medicamento, em relação aos não tratados. Dessa forma, o uso de hormônios deve ser indicado para todos os tumores positivos para receptores hormonais (Nogueira *et al.*, 2014). Esse tipo de tratamento visa retardar ao máximo a quimioterapia, já que é menos eficiente nos tumores de resposta endócrina (Araújo *et al.*, 2019). Por fim, a quimioterapia só é indicada quando há comprometimento axilar, seguindo a mesma dosagem do câncer feminino (Lunardelli *et al.*, 2017).

Para que o prognóstico do câncer de mama masculino tenha melhores resultados, são necessárias ações voltadas não só para o tratamento, mas sim para prevenção e diagnóstico precoce da doença (Rambo *et al.*, 2020). Portanto, o autoexame das mamas tem grande importância, uma vez que a falta de conhecimento no assunto retarda a procura de assistência médica e início do tratamento (Ramos *et al.*, 2017).

CONCLUSÃO

O câncer de mama, a despeito de ser uma neoplasia predominantemente mais comum na população feminina, é uma doença que também pode acometer homens, cuja incidência tem crescido nos últimos anos. Com efeito, o fato de ser raro em pacientes do sexo masculino tende a contribuir para um prognóstico mais reservado, notadamente em virtude de diagnósticos tardios. Logo, é necessário que se considere a relevância do rastreamento no público do referido sexo, para que haja a detecção precoce de tumores mamários e um prognóstico mais favorável.

Nesse sentido, diagnosticar o câncer de mama em uma fase mais avançada implica em opções terapêuticas mais restritas. A detecção precoce possibilita que haja maiores chances de cura e, assim, é importante que haja a conscientização quanto à necessidade de também abordar nos homens os cuidados dirigidos ao público feminino, tendo em vista serem usadas as mesmas diretrizes voltadas a pacientes do sexo feminino no que se refere à prevenção, rastreamento e tratamento.

Portanto, em que pese a epidemiologia do câncer de mama indicar a grande prevalência desse tipo de tumor maligno em mulheres, mostra-se relevante que haja maior pesquisa sobre essa doença na população masculina, tornando igualmente vastos os conhecimentos sobre essa neoplasia entre os homens, assim como já o são para o público feminino. Ademais, é extremamente necessária a maior propagação de informações para esses pacientes sobre a suscetibilidade de também desenvolverem neoplasias mamárias. Assim, os homens não devem ignorar possíveis sinais e sintomas, tampouco negligenciar a procura por atendimento médico, devendo ser conscientes da possibilidade de exames para detecção e diagnóstico precoces, o que contribui, inclusive, para a redução da mortalidade pela doença.

REFERÊNCIAS

BONFIM, Raimundo Jovita de Arruda. Câncer de mama no homem: análise dos aspectos epidemiológicos, clínicos e terapêuticos em serviço formal brasileiro. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, v. 35, p. 516-516, 2013.

BOTELHO, Camilla Carvalho Murta *et al.* Carcinoma de mama no sexo masculino: Revisão de literatura e relato de caso. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 11, p. 102514-102532, 2021.

DE SANTANA ARAÚJO, Icariane Barros *et al.* Câncer de mama em homens. **Revista de Investigação Biomédica**, v. 10, n. 3, p. 272-279, 2019

HAAS, Patrícia; COSTA, Alessandra Portoluzzi; DE SOUZA, Alyne Proença. Epidemiologia do câncer de mama em homens. **Revista do Instituto Adolfo Lutz**, v. 68, n. 3, p. 476-481, 2009.

LUNARDELLI, Ana Luiza; DA SILVA, José Angelo Nunes; TOMASI, Marcio. Câncer de mama em homem: um relato de caso. **Anais de Medicina**, 2017.

NOGUEIRA, Susy Pascoal; MENDONÇA, Juliana Vieira de; PASQUALETTE, Henrique Alberto Portella. Câncer de mama em homens. **Rev Bras Mastologia**, v. 24, n. 4, p. 109-114, 2014.

RAMBO, Ana Paula Schmitz *et al.* Qualidade de vida de homens com câncer de mama: revisão sistemática. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 9, p. 71609-71626, 2020.

RAMOS, Stephanie Silva *et al.* Conhecimentos, mitos e implicações para o cuidado de enfermagem no câncer de mama masculino. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, v. 83, n. 21, 2017.

Texto revisado por: Ábia Costa Camacho (revisora de textos e copidesque).

CAPÍTULO 3

AUTOMEDICAÇÃO EM ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM: UMA REVISÃO DE ESCOPO

SELF-MEDICATION IN NURSING ACADEMICS: A SCOPE REVIEW

Thais Santana de Souza¹

Claudia Moreira de Lima²

Paula Fernanda Albonette de Nóbrega³

Daniela de Souza Vial Dahmer⁴

Grasiela Cristina Silva Botelho Silvestre⁵

Dayane dos Santos Souza Magalhães⁶

Rayanni Bruna Campos Ferro⁷

Dennislaine Alves Lima Dantas⁸

Amanda Pereira de Siqueira⁹

DOI: 10.46898/rfb.9786558892373.3

¹ E-mail: thais-santana@outlook.com.br, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7477-9833>

² E-mail: cml_claudiamoreira@hotmail.com, Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9864-7651>

³ E-mail: pfanobrega@gmail.com, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2843-2820>

⁴ E-mail: danielasvial@gmail.com, Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6413-8058>

⁵ E-mail: enf.grasielabotelho@gmail.com, Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5367-4648>

⁶ E-mail: dayane.souza.enf@gmail.com, Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9999-3396>

⁷ E-mail: rayanni.campos@yahoo.com.br, Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8597-4995>

⁸ E-mail: dennislaine12@gmail.com, Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8608-5612>

⁹ E-mail: amandha-souza29@hotmail.com, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4635-7529>

RESUMO

Automedicação é o uso de medicamento, isento de prescrição ou sem orientação médica podendo ocasionar danos à saúde, e sua prática com o passar dos anos vem crescendo no Brasil. Fatores que os influenciam econômicos, políticos e culturais tem contribuído para o aumento da automedicação, tornando-a um problema de Saúde Pública. Essa prática está cada vez mais comum entre os acadêmicos de enfermagem, o uso indiscriminado e excessivo pode expor as pessoas a sérios efeitos adversos, como intoxicação, reações alérgicas e dependência podendo levando até a morte. Tendo como **objetivo** deste estudo analisar os fatores, frequência e os problemas que motivam a automedicação pelos estudantes de enfermagem. **Metodologia:** Para o desenvolvimento da pesquisa foi utilizado o método de revisão de escopo (scoping review) que permitiu sintetizar o conhecimento sobre 241 artigos disponibilizadas nas bases de dados. BDENF (Base de Dados da Enfermagem), LILACS (Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde). Dos 83 artigos recuperados, foram selecionados 6, para análise do conteúdo na integra 2 foram excluídos, após a análise, 4 artigos para a revisão a partir dos critérios da busca. **Resultados e discussão:** Entre os achados, os estudos confirmaram que o índice da prática da automedicação entre acadêmicos de enfermagem é muito alto mesmo sabendo dos perigos e riscos à saúde. **Conclusão:** Necessita de ações de promoção para a conscientização dos estudantes de enfermagem sobre a automedicação. Pois mesmo com conhecimentos sobre os medicamentos durante a formação devem fazer o uso racional dos medicamentos, pois serão futuros enfermeiros e precisam ter consciência para poder orientar usuário dos riscos e perigos da automedicação.

Palavra chaves: Automedicação. Estudantes de enfermagem. Medicamento.

ABSTRACT

Self-medication is the use of medication, free of prescription or without medical advice, which can cause damage to health, and its practice over the years has grown in Brazil. Factors that influence economic, political, and cultural have contributed to the increase in self-medication, making it a public health problem. This practice is increasingly common among nursing students, indiscriminate and excessive use can expose people to serious adverse effects, such as intoxication, allergic reactions and dependence, which can even lead to death. **The aim** of this study is to analyze the factors, frequency and problems that motivate self-medication by nursing students. **Methodology:** For the development of the research, the scope review method was used, which allowed synthesizing the knowledge of 241 articles

available in the databases. BDENF (Nursing Database), LILACS (Latin American and Caribbean Literature on Health Sciences). Of the 83 articles retrieved, 6 were selected for full content analysis, 2 were excluded, after analysis, 4 articles for the review based on the search criteria. **Results and discussion:** Among the findings, studies confirmed that the rate of self-medication practice among nursing students is very high, even knowing the dangers and risks to health. **Conclusion:** It needs promotion actions to raise awareness among nursing students about self-medication. Because even with knowledge about medications during training, they must make rational use of medications, as they will be future nurses and need to be aware to be able to guide users of the risks and dangers of self-medication.

Keywords: self-medication; Nursing students; medicine.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa ressalta, a necessidade de maiores orientações sobre a automedicação que está cada vez mais crescendo no Brasil, tornando um problema de saúde pública, aumentando o risco de efeitos adversos e de mascaramento de doenças, o que pode retardar um diagnóstico correto, que pode vir a agravar ou ocasionar outros problemas de saúde se usados de forma inadequada.

Frente aos desafios deste cenário, hiposteniza-se que mesmo dentre a população que pratica a automedicação estão os acadêmicos de enfermagem, estes que mesmo tendo o conhecimento sobre os perigos e os riscos da automedicação ainda o fazem. E considerando que os estudantes de enfermagem serão os futuros educadores de uma população que deverá ser assistida no sistema de saúde e que eles também realizam uma prática com riscos para o seu bem-estar, emergiu a seguinte questão norteadora: qual o perfil da automedicação em acadêmicos de enfermagem no contexto brasileiro?

Nesse sentido, acredita-se na pertinência deste estudo, dadas as circunstâncias atuais acerca da automedicação entre acadêmicos de enfermagem, tornando-se necessário ampliar o leque de conhecimento e pesquisa sobre a temática.

Destarte, a apreensão de características acerca da referida produção científica favorecerá uma visão particular do que está sendo difundido na comunidade acadêmica, apontando as lacunas, avanços e potencialidades acerca da temática estudada. Portanto, essa pesquisa teve como objetivo identificar na literatura o perfil da automedicação entre acadêmicos de enfermagem.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os medicamentos de venda livre são responsáveis pela maioria dos casos de intoxicação por medicamento em todo no Brasil (BORTOLONI et al., 2007). Entretanto, por terem sua venda liberada, a compra e uso destes medicamentos favorece a automedicação (LOYOLA et. al., 2002). A automedicação é considerada um elemento de autocuidado. Realizada por meio do uso de medicamentos considerados confiáveis, seguros e acessíveis (OMS, 2005).

Nestas circunstâncias o indivíduo dentro de seus conhecimentos é quem decide qual medicamento irá fazer uso para tratar ou amenizar sinais e sintomas de problema de saúde, sem avaliar o potencial problema para a saúde, podendo agravar o quadro e transformar-se em risco para o indivíduo (LAPORTA et al, 2005), tornando-se uma importante causa de hospitalização e mortalidade TOGNOLI et al., 2019).

Sendo está uma prática comum que independe do nível social e financeiro do indivíduo, onde estudo apontam para maior prevalência em indivíduos que detém maior nível de formação, onde o maior conhecimento proporciona uma autoconfiança para a automedicação (SOUSA; SENA, 2017).

A automedicação apresenta uma alta prevalência entre acadêmicos da área da saúde, sendo que esta prática relacionada a fatores como, a autoconfiança, conhecimento teórico adquirido durante sua formação, o fácil acesso aos medicamentos e a falta de tempo para procurar assistência médica (SILVA, 2012; GALATO et al., 2012; GAMA; SECOLI, 2017; TOGNOLI et. al., 2019), o que torna este um problema de saúde pública por sua magnitude epidemiológica e seu impacto negativo tanto a saúde quanto na gestão pública, onde os medicamentos correspondem a grande parcela dos valores gastos pelo governo (DOMINGUES et al, 2017; GAMA; SECOLI, 2017).

Alguns estudos descritos na literatura corroboram com este achado onde apontam para uma frequente automedicação entre estudantes da saúde com ênfase por estudantes de enfermagem (SOUZA, 2011; SANTOS, 2012; SILVA 2014). No entanto, estudos que envolvam a automedicação entre universitários no Brasil ainda é pouco explorado, sendo a temática amplamente estudada em países da Europa, Ásia e América do Norte. Assim, é de extrema relevância difundir discussões sobre o hábito de se automedicar, com ênfase em uma ampla compreensão desta prática (SOUZA et. al., 2020; TARLEY et. al., 2018).

3 METODOLOGIA

Esta revisão foi elaborada de acordo com metodologia de um *scoping review* (análise de escopo) recomendada pelo Instituto Joanna Briggs (AROMATARIS; MUNN, 2017). A técnica de *scoping review* está sendo amplamente utilizada na área das ciências da saúde com a finalidade de sintetizar e de disseminar os resultados de estudos a respeito de um assunto (LEVAC; COLQUHOUN; BRIEN, et. al., 2017).

O objetivo de uma análise de escopo é mapear, por meio de um método rigoroso e transparente, o estado da arte em uma área temática, pretendendo fornecer uma visão descritiva dos estudos revisados, sem avaliá-los criticamente ou sumarizar evidências de diferentes investigações, como ocorre em uma revisão sistemática (ARKSEY; O'MALLEY, 2005).

Nessa perspectiva, esta revisão de escopo uso um arcabouço metodológico proposto por Arksey e O'Malley (2005), com as emendas feitas por Levac, Colquhoun e O'Brien (2010), e por Peters e colaboradores (2017), estudiosos do Instituto Joanna Briggs. Adaptando-se aos nossos propósitos, a estrutura desta revisão consiste em seis principais etapas consecutivas: 1) identificação da questão e objetivo de pesquisa; 2) identificação de estudos relevantes, que viabilizassem a amplitude e abrangência dos propósitos da revisão; 3) seleção de estudo, conforme os critérios predefinidos; 4) mapeamento de dados; 5) sumarização dos resultados, por meio de uma análise temática quantitativa em relação ao objetivo e pergunta; 6) apresentação dos resultados, identificando as implicações para política, prática ou pesquisa.

Assim, foram definidos para estratégia de buscas as palavras-chave e suas combinações, dando os seguintes resultados: Automedicação and medicamentos; Automedicação and estudantes de enfermagem; Medicamentos AND estudantes de enfermagem. A busca foi realizada na base de dados BDENF (Base de Dados da Enfermagem) e LILACS (Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde).

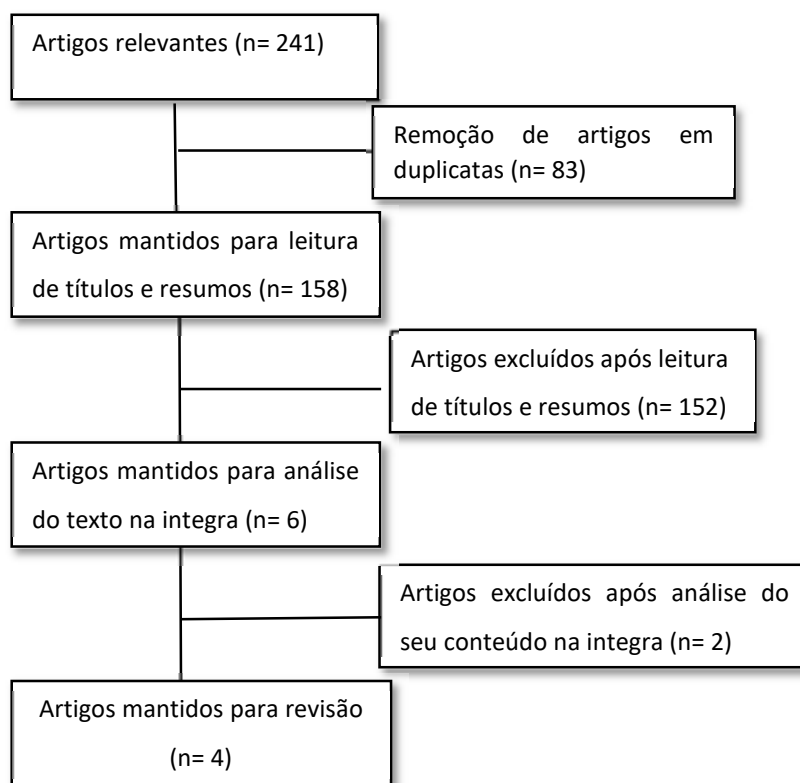
Foram extraídos dados de caracterização da produção (ano, local e periódico de publicação); do tipo de conteúdo da publicação, dos participantes e seu nível de formação, motivo para uso dos medicamentos e medicamentos mais citados. Em cada publicação foram identificados e extraídos os focos principais envolvidos na proposição do problema, nos argumentos, nos participantes e nas discussões e conclusões. Os focos principais foram analisados, e assim foram identificadas categorias de análise que permitiram sintetizar de forma narrativa os achados, com o objetivo de apresentar uma visão geral do conteúdo identificado.

Ademais, o presente estudo foi realizado cumprindo os aspectos éticos, respeitando e garantindo a confiabilidade e a fidelidade das informações contidas nas publicações selecionadas, bem como reconhecendo a autoria dos mesmos, segundo as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT, 2002).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Inicialmente, quando da aplicação das expressões de busca permitiram mapear 241 conteúdos, sendo 83 artigos replicados. A leitura inicial dos títulos e resumos dos artigos visando identificar artigos pertinentes a pergunta da revisão resultou na exclusão de 152 aos quais abordavam sobre a automedicação em outras áreas da saúde ou ainda sobre um medicamento em específico. Assim, após foi realizada a leitura integral dos textos, 6 artigos mantido para a análise, foram excluídos 2 artigos que não corresponde o objetivo do estudo, sendo então selecionados 4 artigos que abordavam especificamente sobre a automedicação entre graduandos de enfermagem. A figura 1 representa o fluxo das análises.

Figura 1 - Diagrama de fluxo de busca da seleção dos artigos nas bases de dados e inclusão na revisão. Brasil, 2021.



Fonte: Dados pesquisa. Elaboração própria.

Todos as publicações incluídas na revisão foram feitas entre os anos de 2011 a 2021 e em sua maioria periódicos da área de abrangência da enfermagem. Quanto ao tipo de estudo, grande parte era transversal (n=3) ou não foi especificado (n=1).

Os tamanhos das amostras dos 4 estudos variaram de 1 a 116, com um número total de 325 estudantes de enfermagem. A Tabela 1 descreve a distribuição dos dados supracitados.

Tabela 1 - Distribuição das publicações quanto ao ano, periódico, formação dos autores, tipo de estudo e participantes. Brasil, 2021.

Variável Artigos	Ano e Periódico (n = 04)	Formação dos autores (n = 04)	Tipo de Estudo (n = 4)	Participantes (n = 4)
Artigo I:	2019 / Revista de enfermagem, UFPE online	Graduação em enfermagem, especialista e mestre	Quantitativo, exploratório e descritivo	100 estudantes de enfermagem
Artigo II:	2014 / Revista eletrônica de enfermagem	Enfermeiro, farmacêutica, doutora em farmacologia, saúde pública, neurociências e comportamento.	Descritivo transversal, com abordagem mista	78 estudantes de enfermagem
Artigo III:	2017/ Revista Gaúcha de enfermagem	Pós-graduação de enfermagem na saúde do adulto	Transversal	116 estudantes de enfermagem
Artigo IV:	2011 / Probioc/ uifenas odontol.clin	Docente do curso de enfermagem, medicina e estudantes de medicina	Epidemiológico descritivo, transversal, de abordagem quantitativa	31 estudantes de enfermagem

Fonte: Dados pesquisa. Elaboração própria.

Com base nos artigos compilados neste estudo, foi possível observar que dentre os medicamentos mais utilizados estão os analgésicos, antitérmicos, anti-inflamatórios, antibiótico, fármacos para resfriados e gripes, xaropes para tosse, e descongestionantes nasais (Tabela 1).

Corroboram com estes dados estudo de Cruz et. al. (2019), onde em seus achados apontam que entre as classes de medicamentos mais utilizados estão os anti-piréticos e analgésicos com um uso chegando a 55%, em paridade com os estudos de Abraão e colaboradores (2009), que comprovou a prevalência de 52% de uso de analgésicos em estudantes universitários dos cursos de enfermagem. Outrossim, a prática da automedicação, mesmo sendo considerada por especialistas como forma comum de autocuidado, é potencialmente perigoso ao organismo (SILVA et. al., 2014).

Tendo em vista que estes medicamentos são sem tarja, comumente chamados de Medicamentos Isentos de Prescrição (MIP), sendo assim são de venda livre, ou seja, não há a necessidade de apresentar prescrição médica para sua compra, o que

leva a falsa ideia de que não causa efeitos deletérios a saúde (ICQT, 2018). Entretanto, o uso irracional de medicamentos seja ele qual for pode acarretar na progressão do estado de saúde-doença de forma negativa e contribuir com tratamentos errôneos (GALATO et. al., 2012; FONSECA et. al., 2010), visto que, é necessário conhecimentos em farmacologia, bioquímica, fisiologia, patologia e microbiologia para um uso adequado de farmacos (SILVA et. al., 2014).

No tocante às informações os estudos analisados apontam como motivos que levaram os acadêmicos de enfermagem a automedicação, foram: indicação farmacêutica, conhecimentos adquiridos na faculdade, informações obtidas por meio de leitura da bula, uso de medicamentos conhecidos e medicamento de venda livre. O que evidencia uma prática da automedicação caracterizada pelo uso de medicamentos comumente indicado por pessoas não habilitadas, sem receita médica. Sem levar em conta que cada organismo é único e apresenta características singulares, o que pode acarretar em reações adversas em uma pessoa e não em outra.

Uma pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa e Pós-Graduação (ICTQ), identificou que as recomendações de terceiros, como familiares, amigos, vizinhos e balconistas de farmácia correspondem a 68%, 41%, 27% e 48% respectivamente das indicações da automedicação. Além de termos uma Indústria Farmacêutica intrinsecamente relacionada com a comercialização de doses que podem ser fracionadas, gerando assim sobras de determinados medicamentos que são armazenados e consequentemente reutilizados caso o mesmo problema de saúde se apresente, só que desta vez sem indicação médica (ICQT, 2018).

Diante dessa infinidade de problemas relacionados ao uso indiscriminado de medicamentos, a Organização Mundial de Saúde (OMS), elaborou uma estratégia a qual foi chamada de Global Patient Safety Challenge on Medication Safety, esta de nível global que visa reduzir danos graves e evitáveis associados a medicamentos, com três áreas prioritárias de ação a saber: 1) situações de alto risco relacionadas a administração da dose errada, o uso da via de administração errada e falhas em seguir os regimes de tratamento. 2) polifarmácia, que caracteriza-se pelo uso rotineiro de quatro ou mais medicamentos ao mesmo tempo, aumentando a probabilidade de reações adversas, erros e interações medicamentosas. 3) transição de cuidado do paciente entre instalações físicas ou profissionais de saúde com a finalidade de receber cuidados, o que possibilita erros de comunicação, e ocasionar graves erros de medicação (BRASIL, 2015).

Destarte, para que a meta seja atingida é essencial o envolvimento de todos os setores relacionados sendo estes as instituições de saúde, órgãos reguladores,

4.1 seção nível 2: Categorias de análises

Tabela 2 – Focos dos estudos analisados sobre Automedicação entre estudantes de enfermagem. Brasil, 2021

Categoria	Estudo que compõem as categorias
Automedicação: uma prática comum entre acadêmicos de enfermagem.	* Automedicação em estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas, Brasil.
	* Automedicação: Prática entre graduandos de enfermagem.
Interações medicamentosa na prática da automedicação.	* Automedicação em acadêmicos de curso de graduação da área da saúde de uma Universidade privada do sul do Estado de Minas gerais.
	* Caracterização da prática da automedicação e fatores associados entre Universitários do curso de enfermagem.

Fonte: Dados pesquisa. Elaboração própria. Nota: (n=04).

4.1.1 Seção nível 3 Automedicação: uma prática comum entre acadêmicos de enfermagem

Os estudos apontam para uma prevalência da automedicação entre estudantes de enfermagem frequente, esta tendo influência pelo conhecimento prévio adquirido durante a formação, pela autoconfiança acerca dos conhecimentos dos medi-

camentos, relacionando a doença ao fármaco através de sinais e sintomas, tendo a crença que um determinado medicamento seja o correto e eficaz para tais quadro clínico.

Os conhecimentos advindos da formação na área de saúde, poderia estar influenciando na alta frequência da prática de automedicação entre acadêmicos. Valores significativos também foram observados por Machado et. al. (2020). Para estabelecer a necessidade do uso racional de medicamento este deve ser prescrito adequadamente, na sua forma farmacêutica, doses e períodos de duração de tratamento corretos, cumprindo o regime terapêutico ampliando o acesso a assistência farmacêutica para melhorar a qualidade e segurança na utilização dos medicamentos (ANVISA, 2020).

Mediante os dados reportados nos artigos analisados neste estudo, dentre os principais problemas de saúde que levaram a automedicação estão: dores de cabeça, febre, cólicas menstruais, infecções de garganta e urinárias. Sendo esta prática relacionada ao fator de proporcionar alívio ao sinal e sintomas.

Colares et. al., (2019), avaliaram as taxas de automedicação em estudantes de Enfermagem e perceberam que as queixas mais comuns como motivos da automedicação relatadas pelos universitários foram dores de cabeça (53,57%), alergias (18,57%) e infecções de garganta (17,14%). A ocorrência desses sintomas entre os universitários podem ser considerados como alguns dos sintomas físicos de estresse, ocasionado pela intensa rotina de estudos dos indivíduos.

Gama e Secoli (2017), visualizaram que entre os estudantes do curso de enfermagem, 50% deles se automedicavam, e faziam o uso de medicamentos com a finalidade de aliviar dores de cabeça, abdominais e cólicas menstruais.

Em sua pesquisa Colares et. al., (2019), avaliaram as taxas de automedicação em estudantes de Enfermagem e perceberam que as queixas mais comuns como motivos da automedicação relatadas pelos universitários foram dores de cabeça (53,57%), alergias (18,57%) e infecções de garganta (17,14%). A ocorrência desses sintomas entre os universitários podem ser considerados como alguns dos sintomas físicos de estresse, ocasionado pela intensa rotina de estudos dos indivíduos.

Os estudos propuseram avaliar os fatores que possibilitam a automedicação, onde apontam para o acesso fácil a medicamentos, propagandas que incentivam, influências de parentes e amigos, dificuldade de acesso ao serviço de saúde ou a falta de tempo, além de utilizar diagnóstico prévios para o momento atual de saúde.

Os principais fatores de indicação do uso da automedicação entre amigos vizinhos e familiares foi motivado pela certeza que o medicamento é seguro (SANTOS; NOGUEIRA; OLIVEIRA, 2018). Além disso, o aconselhamento com amigos e parentes torna-se mais fácil devido aos desafios encontrados no atendimento médico (SILVA; SOARES; BAISCH, 2012). Logo, um problema da automedicação está associado a diversos fatores como estilo de vida, fácil acesso a fármacos, aumento de doenças crônicas e dos transtornos de humor (LIMA; LIMA; SILVA, 2020).

Tendo como incentivo para a permanência da automedicação a colaboração das mídias atuais com influências de propagandas, orientação de funcionários de farmácias e supermercados dando fácil acesso a compras, dando parecer que são livres de riscos (PORTO et. al., 2020). dificuldade de acesso ao sistema único de saúde (DOMINGUES et. al., 2017).

A maioria das pessoas não tem conhecimento sobre os riscos do uso inadequado de medicamentos, sendo visto como um problema de saúde pública (ALVES et al., 2020). Para Domingues et. al., (2017), fazer uso de medicamentos sem prescrição pode gerar consequências à saúde da população.

Sendo uma prática seguida por sugestões de pessoas não autorizadas ou até mesmo reutilizar receitas anteriores, sabendo que seu uso incorreto pode ocasionar agravamento de doenças, mascarar sintomas ou até mesmo causar um efeito indesejado (MATOS et. al., 2018). Apresentando como fatores as condições precárias ao acesso no serviço de saúde, baixa adesão ao atendimento e alta prevalência ao consumo de medicamentos (ALVES et. al., 2020).

4.1.1.1 Seção nível 4 Interações medicamentosa na prática da automedicação

Destarte os artigos apontam para os riscos e perigos da automedicação, podendo causar sérios problemas e consequências graves à saúde, além de efeitos colaterais indesejados, reações alérgicas, interação medicamentosa, intoxicação, resistência aos medicamentos, mascaramentos da doença dificultando assim o diagnóstico correto, dependências de medicamentos, podendo levar até a morte.

A automedicação gera riscos, tais como: o mascaramento do diagnóstico da doença; resistência medicamentosa devido ao uso irracional e inadequado (principalmente como visto para os antimicrobianos); potenciais interações medicamentosas; alergias, intoxicação e até mesmo morte (DANIELY et. al., 2017; FREITAS; MELO, 2018).

A automedicação exibe potencial de risco nas interações medicamentosas, reações adversas, toxicidade, provocando um diagnóstico incorreto ou tardio, devido ao fármaco mascarar a patologia, resultando em uma resistência ao micro-organismo ou não resolução no quadro clínico dos pacientes (OLIVEIRA, 2018). Mister a realização de campanhas educativas com promoção, prevenção e esclarecimento sobre o risco de toxicidades, reações adversas ao uso dos medicamentos, na prática da automedicação para prevenir danos à saúde dos usuários (OLIVEIRA et. al., 2012).

Assim, a utilização elevada de fármacos potencialmente inapropriados por automedicação é preocupante, pois seus efeitos adversos superam os benefícios. Por isso, é importante evitar o uso destes medicamentos, para manter a qualidade de vida, preservar a funcionalidade e reduzir os riscos de eventos adversos, pois em revisão sistemática sobre automedicação, verificaram-se taxas de prevalência variando de 4% a 87% (OLIVEIRA, et. al., 2018).

Dessa forma, se fazem necessárias medidas que devem ser tomadas para orientar as pessoas para que utilizem os medicamentos de forma segura conforme as instruções, estimular a leitura da bula do medicamento como importante para que se tenha conhecimento adequado sobre esses medicamentos e orientar quanto ao riscos a saúde que a automedicação traz consigo (SETIADI et al., 2020; AOYAMA et al., 2018).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente revisão de escopo mostrou que o tema automedicação e acadêmicos de enfermagem um tema de saúde pública, porém relativamente pouco estudado se analisarmos pelo quantitativo de estudos que cumpuseram a pesquisa. Portanto, percebe-se a necessidade de desenvolvimento de outros estudos com objetivos semelhantes ao desta pesquisa visando compreender o contexto da temática, sendo este de grande impacto no setor da saúde.

Os estudos apontam para uma prática de automedicação entre estudantes de enfermagem cada vez mais comum, o que torna preocupante o fato de que esse grupo por estarem cursando uma graduação da área da saúde e com isso serem donos de um conhecimento extra e conhecerem sobre os risco e perigos da automedicação ainda assim o fazem, que podendo ocasionar a saúde, até consequências graves. Neste sentido, tendo a necessidade de ações de promoção e educação em saúde sobre a automedicação o uso racional destes medicamentos que são consumidos pelo fácil acesso deste.

REFERÊNCIAS

ALVES, D.R.F et al. Automedicação: prática entre graduandos de enfermagem. **Revista de enfermagem UFPE online**, v.13(1), p. 363-70, 2019.

AMARAL, R.S. Se não cura não faz mal? Automedicação: estratégias para educação em saúde no ensino de biologia na EJA em uma escola pública no município de Santa Maria da Vitória- BA. 2019. 112 f., il. **Dissertação** (Mestrado Profissional em Ensino de Biologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

ARRAIS, P.S.D et al. Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. **Revista de Saúde Pública**, vol.50 (Sup. 2), 2016. DOI: [10.1590/S1518-8787.2016050006117](https://doi.org/10.1590/S1518-8787.2016050006117).

ICTQ- Instituto de Pesquisa e Pós-Graduação para o mercado farmacêutico. Pesquisa: Automedicação no Brasil. 2018.

BRASIL. Cartilha para a promoção do uso racional de medicamentos. Ano 2015.

COSTA, I.N.G. Revisão sistemática sobre os riscos da utilização de fármacos de livre acesso (MIPS) para o alívio imediato da dor. **Brazilian Journal of Development**, v.7, n.10, p.96002-96016, 2021.

CORONEL, A.S.F; BRITO, F.S; FRAGA, D. Avaliação da automedicação entre acadêmicos do curso de enfermagem UF MS- campus coxim. **73º Reunião anual da SBPC**, p.3, 2019.

COLARES, K.T.P. et al. Prevalência e fatores associados à automedicação em acadêmicos de enfermagem. **Revista de enfermagem UFPE online**, v.13:e239756, 2019.

FERRAZ, L. et al. Tradução do conhecimento e os desafios contemporâneos na área da saúde: uma revisão de escopo. **Saúde Debate Rio de Janeiro**, v 43(2), p. 200-216, 2019.

FERREIRA, F.C.G. Impacto da prática da automedicação no Brasil: Revisão sistemática. **Brazilian Applied Science Review**, v.5, n.3, p. 1505-1518, 2021.

GAMA, A.S.M; SECOLI, S.R. Automedicação em estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas-BRASIL. **Revista Gaúcha de enfermagem**, 38(1):e65111, 2017.

GALVAN M.R., DAL PAI D., ECHEVARRÍA-GUANILO M.E. Self medication among health professionals. **REME - Revista Mineira de Enfermagem**, v.20: e959, 2016.

LIMA, V.S., LIMA, M.S.G., SILVA, G.C. Caracterização e fatores associados ao uso indiscriminado de medicamentos isentos de prescrição no Brasil. **Revista Brasileira de Educação e saúde**, v.10, n.3, p.156-163, 2020.

LIMA, J.M.S. et.al. A prática da automedicação por universitários. **Research, Society and Development**, v.10, n.8, e47610817594, 2021.

LOPES, A.M., CAMPOS, L.C. Automedicação entre graduandos das áreas de saúde e exatas da faculdade ciências da vida na cidade de sete Lagoas/MG. Revista Brasileira de Ciências da Vida, v.5, n.1, p.18, 2017.

LOYOLA FILHO, A.I. et al. Prevalence and factors associated with self-medication: the Bambuí health survey. **Revista de Saúde Pública**, v.36(1), p.55-62, 2014.

MIRANDA, L.C.P., VIEIRA, F.O. Risco da automedicação: informação em prol da mudança de habito. **Acervo da Iniciação Científica**, p.14, 2014.

OMS. Organização Mundial de Saúde. Of Essential Drugs and other Medicines. The role of Pharmacist in selfcare-medication. Integrated Pharmacy Research and Practice, v.4, p.57-65, 2015.

PINTO, C.D. et.al. Automedicação entre estudantes de enfermagem em uma universidade privada no sul de Minas Gerais. **Research, Society and Development**, v.10, n.8, e25210817129, 2021.

SILVA, F.M., GOULART, F.C., LAZARINI, C.A. Caracterização da prática de automedicação e fatores associados entre universitários do curso de enfermagem. **Revista eletrônica de enfermagem**, v.6(3), p.644-51, 2014.

SILVA, L.S.F. et al. Automedicação em acadêmicos de cursos de graduação da área da saúde de uma universidade privada do Sul do Estado de Minas Gerais. **Odontol. Clín.-Cient. (Online) [online]**, vol.10, n.1, pp. 57-63, 2011.

SOUSA, L.A., SENA, C.F.A. Automedicação entre universitários dos cursos de graduação na área da saúde na FCV-Sete Lagoas: influência do conhecimento acadêmico. **Revista Brasileira de Ciências da Vida**, v.5, n.1, p.1-21, 2017.

SOUZA, J.F. et. al. Prevalência da prática de automedicação entre estudantes de psicologia: um estudo transversal. **Brazilian Journal of Development**, v.6, n.12, p.98105-98116, 2020.

SOTERINO, K.A., SANTOS, M.A. A automedicação no Brasil e a importância do farmacêutico na orientação do uso racional de medicamentos de venda livre: uma revisão. **Revista Da Graduação**, v.9(2), p.1-15, 2016.

TARLEY, M.G.G. et al. Estudo comparativo do uso da automedicação entre universitários da área da saúde e universitários de outras áreas não relacionados à saúde na Universidade de Marília-SP. **Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research**, v.23, p.22-27, 2018.

TOGNOLI, T.A. et al. Automedicação entre acadêmicos de medicina de Fernandópolis – São Paulo. **Journal of Health & Biological Sciences**, v.7(4), p.382-386, 2019.

CAPÍTULO 4

ABORDAGEM SEXUAL DENTRO DA REALIDADE ADOLESCENTE

SEXUAL APPROACH WITHIN THE ADOLESCENT REALITY

Erik Bernardes Moreira Alves¹
Gustavo Tavares de Mello Maruco²
Mariana Aparecida Rodrigues Pereira³
Bianca Gabrielle Ferreira Moraes⁴
Gustavo Batista Oliveira⁵
Beatriz Rocha Pereira⁶
Arthur de Moraes Lago⁷
Maria Odilia Souza Brito⁸
Vitória Correia dos Santos⁹
Lorena Martins Nagata¹⁰
Elária Pacífico Rocha¹¹

DOI: 10.46898/rfb.9786558892373.4

1 erikbernardes.moreira11@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-1005-9482>

2 gustavommaruco@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-5994-8240>

3 mariana_rpereira@hotmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-1102-0547>

4 biancaferreiramo@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-6557-7754>

5 gustavobat04@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-1789-4760>

6 biaroch01@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-3502-278X>

7 arthurmlago@academico.unirv.edu.br, <https://orcid.org/0000-0001-9318-8812?lang=en>

8 mariaodiliasb@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-7573-6229>

9 vitoria_pgutu@hotmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-7225-557X>

10 lorena-mvet@live.com, <https://orcid.org/0000-0003-1487-6436>

11 pacificoell@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-0527-5452>

RESUMO

Na adolescência, faixa etária correspondente dos 10 aos 19 anos, o indivíduo começa a manifestar comportamentos específicos, por exemplo, o anseio por maior liberdade, tomar decisões por si só, conseqüentemente, comportamentos instáveis, como alterações de humor e mudanças na personalidade são recorrentes nessa faixa etária, querendo construir sua própria personalidade. Além desses fatores, os adolescentes passam por mudanças corpóreas, possuindo uma relação direta com hormônios, e, dessa forma, o desejo sexual, observado cada vez mais cedo entre os adolescentes. O presente trabalho busca não somente abordar a relação adolescência e sexualidade, assim como todo o contexto, a relação educacional, social, familiar, os meios digitais, e as alterações psíquicas, a fim de esclarecer possíveis dúvidas sobre o desenvolvimento e como abordá-las da melhor maneira possível.

Palavras-chave: Medicina da Família e Comunidade. Pediatria. Sexualidade.

ABSTRACT

In adolescence, the corresponding age range from 10 to 19 years old, the individual starts to manifest specific behaviors, for example, the longing for more freedom, to make decisions on their own, consequently, unstable behaviors, such as mood swings and personality changes are recurrent in this age range, wanting to build their own personality. Besides these factors, adolescents go through bodily changes, having a direct relationship with hormones, and, thus, sexual desire, observed increasingly earlier among adolescents. The present work seeks not only to approach the relationship between adolescence and sexuality, but also the whole context, the educational, social, and family relationships, the digital media, and the psychic alterations, in order to clarify possible doubts about the development and how to approach them in the best possible way.

Keywords: Family Practice. Pediatrics. Sexuality.

1 INTRODUÇÃO

A pediatria é a área da medicina que engloba a primeira e segunda infância e a adolescência. Na adolescência, fase entre os 10 e 19 anos de idade de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), ocorrem significativas transformações, na qual o adolescente desenvolverá características específicas e próprias, construindo sua personalidade. Nessa fase, surgirão vontades como anseio pela liberdade, mudanças na personalidade e possível instabilidade humoral, mudanças orgânicas no

corpo do paciente, início da vida amorosa e sexual e a famigerada necessidade de desbravar o mundo.

Tendo em vista as inúmeras mudanças na realidade do adolescente, inclusive as corpóreas, tem-se o afloramento sexual desses jovens, que querem se descobrir, alcançar sua independência e explorar o mundo a sua volta. Sendo assim, esse trabalho busca analisar a opinião dos adolescentes sobre a fase da vida em que se encontram, explorando suas opiniões sobre a própria vivência de vida e seus anseios frente às mudanças pelas quais estão passando e o que os espera futuramente.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho consiste em uma revisão qualitativa de literária que buscou abordar resultados encontrados em pesquisas acerca das experiências, vivências e ambições dos adolescentes, seja de maneira abrangente, ordenada ou sistemática. Todas as fontes utilizadas foram realizadas com o consentimento e acompanhamento dos pais ou responsáveis pelos menores. Para realização do trabalho, seguiu-se as seguintes etapas:

- 1) Seleção das temáticas correspondentes;
- 2) Seleção das amostras encontradas e usadas;
- 3) Análise das características da pesquisa original;
- 4) Análise dos resultados obtidos;
- 5) Realização da revisão.

As bases de dados de literatura científica e técnicas utilizadas na realização da revisão foram Google Acadêmico, Scientific Electronic Library Online (SciELO), Biblioteca Virtual em Saúde, Literatura Latino-Americana e de Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), utilizando os buscadores: “Sexualidade na adolescência”, “Risco sexo em jovens” e “Sexualidade e ambiente familiar”.

Assim, o presente trabalho procura não somente analisar a interface da relação da adolescência e sexualidade, mas também evidenciar os diversos conteúdos acerca do tema em questão, visando lançar luzes para um caminho educativo, que possibilite formar e conscientizar educadores e adolescentes na reflexão sobre a temática em pauta.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Apesar dos namoros serem considerados normais e comuns na adolescência, a sexualidade, principalmente entre adolescentes, ainda é um tabu, mesmo que seja

algo natural do ser humano. Durante essa fase pediátrica, o quesito sexual é amplamente explorado, costumando tornar-se solidificado na vida adulta.

A expressão sexualidade carrega em si uma carga que designa a fase da adolescência à fase idosa. A partir daí, vincula-se o termo a experiências de namoros, sendo uma temática inevitável e influenciável por questões socioculturais, seja do ambiente familiar, seja do meio social que cerca o paciente. Apesar de tamanha importância e relevância do tema, discutir sexualidade, em especial na adolescência, ainda é um grande tabu.

A sexualidade humana caracteriza-se pela constante busca pelo prazer e, principalmente entre os jovens, gradativa curiosidade. Dessa forma, dá-se início ao ato masturbatório e, conseqüentemente, a vida sexual. Porém, a sexualidade não é determinada somente única e exclusivamente por fatores físicos, sofrendo e exercendo influência por questões de identidade, caráter, ideológicas, na busca de uma auto afirmação do jovem.

Questões socioculturais, meios tecnológicos e convívio familiar e de amigos exercem forte influência no desenvolvimento da sexualidade do adolescente. Os meios digitais exercem influência nesse processo possibilitando ao paciente o contato com o meio erótico, não envolvendo o jovem a riscos, como a possibilidade de gravidez indesejada e prematura, a infecções sexualmente transmissíveis e outros.

Como muito diz-se popularmente, a adolescência é o período de muitas mudanças, grandes transformações e possibilidade de descobrimento de novas experiências. Nesse contexto, todas as mudanças biológicas, hormonais, psíquicas e sociais exercem influência no jovem e na maneira a qual ele enxerga o ambiente a sua volta.

As mudanças ocasionadas pela mudança provocam mudanças nos adolescentes no âmbito familiar, corporal, social, sexual e educacional. Para tornar a transição por essa fase mais tranquila, os pais devem compreender a nova realidade do menor e auxiliá-lo no entendimento desse processo. E, ao jovem, deve ser adquirida a consciência da dificuldade dos pais em não serem mais os únicos ou maiores responsáveis por passar a segurança ao paciente pediátrico, ocasionado principalmente pelo anseio de ter novas experiências.

Somado ao possível estranhamento entre os adolescentes e os pais, a situação pode tornar até mesmo conflituosa caso o jovem busque abordar essa temática com os seus responsáveis. Essa temática ainda é, infelizmente, um tabu, principalmente

nesse meio pediátrico, interferindo no desenvolvimento do menor, seja no âmbito emocional, seja no âmbito comportamental.

Por fim, um diálogo aberto associado a uma troca de vivências com os pais possibilita uma boa relação familiar e um maior e melhor amadurecimento e segurança do adolescente no seu desenvolvimento pediátrico, principalmente na compreensão ao adentrar na vida sexual. Os pais e responsáveis, figuras de autoridade e respeito dentro de casa, podem e devem ser vistos como aliados dos filhos nessa fase.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática sexual em adolescentes, apesar de extremamente recorrente e contemporânea, ainda é um tabu em grande meios sociais. Essa fase é vivida por diferentes maneiras, sendo influenciada pelo meio que cerca o jovem, como família, amigos, fatores socioculturais.

Muitos adolescentes têm dúvidas acerca do desenvolvimento pelo qual estão passando, sendo nítido a carência de informações e orientações a eles passadas. Para sanar tal deficiência, faz-se necessária a abordagem da temática sanando dúvidas que existam e orientando da melhor forma possível por parte dos centros educacionais e pelos familiares do menor.

O diálogo familiar é fundamental neste processo, norteando o jovem e esclarecendo os riscos e cuidados sobre a sexualidade, em especial acerca de infecções sexualmente transmissíveis (IST's), gravidez indesejada e a correlação entre afetividade e sexualidade, por exemplo.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, B. M.; ALVES, L. G. S.; HOLZMANN, A. P. F.; LIMA, A. G.; PEREIRA, J. C. S.; MACHADO, A. P. N.; RUAS, E. F. G.; SOUZA, R. B. Vulnerabilidade às infecções sexualmente transmissíveis de adolescentes privados de liberdade. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 4, n. 1, p. 2666-2675, 2021.

ARAGÃO, L. C. R. R. Adolescência e sexualidade: conhecimentos, atitudes, comportamentos e traços de personalidade de estudantes do ensino secundário do distrito de bragança. 2017. Dissertação (Mestrado) - Curso de Enfermagem, Escola Superior de Saúde, Instituto Politécnico de Bragança, Bragança, 2017. Disponível em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/14682/1/Laura%20da%20Concei%C3%A7%C3%A3o%20Rodrigues%20Ramos%20Arag%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2021.

BORGES, A. L. V. Relações de gênero e iniciação sexual de mulheres adolescentes. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 41, n. 4, p. 597-604, 2007.

BRASIL.Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção em Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas, Área Técnica de Saúde do Adolescente e do Jovem. Diretrizes Nacionais para atenção integral à Saúde do adolescente e jovens na promoção, proteção e recuperação da Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. p. 132. ISBN:978-85-334-1680-2.

BRÊTAS, J. R. D. S.; OHARA, C. V. D. S.;JARDIM, D. P.;AGUIAR JUNIOR, W. D.; Oliveira, J. R. D. Aspectos da sexualidade na adolescência.Ciência & Saúde Coletiva,v. 16, n. 7, p. 3221-3228, 2011.

BRÊTAS, J. R. D. S.;MORENO, R. S.;EUGENIO, D. S.;SALA, D. C. P.;VIEIRA, T. F.; BRUNO, P. R. Os rituais de passagem segundo adolescentes.Acta Paulista de Enfermagem,v. 21, n. 3, p. 404-411, 2008.

CAMARGO, Brígido V.; BOTELHO, Lúcio J. Aids, sexualidade e atitudes de adolescentes sobre proteção contra o HIV. **Revista de Saúde Pública**, v. 41, n. 1, p. 61-68, 2007.

CIDADE, N. D. O. P.; ZORNIG, S. M. A. J. Automutilações na adolescência: reflexões sobre o corpo e o tempo.Estilos da Clínica,v. 26, n. 1, p. 129-144, 2021.

CORREA, T. L.;BARROS, N. B. R.;CARRETT, M. L. V. Sexualidade em adolescentes de uma escola pública do interior do Rio Grande do Sul.Brazilian Journal of Health Review,v. 3, n. 2, p. 2797-2803, 2020.

COSTA, M. C. O.; LOPES, C. P. A.; SOUZA, R. D.; PATEL, B. N. Sexualidade na adolescência: desenvolvimento, vivência e propostas de intervenção.Jornal de Pediatria,v. 77, n. 2, p. 217-224, 2001.

COSTA, T. D. S.;CAPELETTI, C. P.;MELLO, M. L., VIEIRA, P. R.;BRUM, M. D.;KRA-BBE, E. C.;DE CARVALHO, T. G. M. L. Escola, sexualidade, práticas sexuais e vulnerabilidades para as infecções sexualmente transmissíveis (IST).Revista Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão-RevInt,v. 4, n. 1, 2017.

COSTA, V.;FERNANDES, S. C. S. O que pensam os adolescentes sobre o amor e o sexo? Um estudo na perspectiva das representações sociais.Psicologia & Sociedade,v. 24, n. 2, p. 391-401, 2012.

CUNHA, P. C. Sexualidades na adolescência e escola: um diálogo possível? 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/222401>. Acesso em: 03 mar. 2021.

EISENSTEIN, E. Desenvolvimento da sexualidade da geração digital.Adolescente e Saúde, Rio de Janeiro, v. 10, v. 1, p. 61-71, 2013.

FERRARI, W.; PERES, S.; NASCIMENTO, M. Experimentação e aprendizagem na trajetória afetiva e sexual de jovens de uma favela do Rio de Janeiro, Brasil, com experiência de aborto clandestino.Ciência & Saúde Coletiva,v. 23, p. 2937-2950, 2018.

FREITAS, Kelly Ribeiro de; DIAS, Silvana Maria Zarth. Percepções de adolescentes sobre sua sexualidade. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 19, p. 351-357, 2010.

GOMES, W. D. A.; COSTA, M. C. O.; SOBRINHO, C. L.; SANTOS, C. A. D. S.; BACELLAR, E. B. Nível de informação sobre adolescência, puberdade e sexualidade entre adolescentes. *Jornal de Pediatria*, v. 78, n. 4, p. 301-308, 2002.

GUBERT, D.; MADUREIRA, V. S. F. Iniciação sexual de homens adolescentes. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 13, p. 2247-2256, 2008.

GUIMARÃES, I. Educação sexual na escola. Rio de Janeiro: Ed. Mercado de Letras, 1995.

GUIMARÃES, V. B.; DA SILVA, L. P.; JABALI, M. P.; LEME, J. B.; VARELLA, S.; QUAGLIATO, F. F. Oficinas de prevenção para promover conhecimento sobre sexualidade em adolescentes. *Revista Interdisciplinar de Saúde e Educação*, v. 1, n. 2, p. 41-56, 2020.

MARINHO, L. F. B.; AQUINO, E. M. L.; ALMEIDA, M. C. C. Práticas contraceptivas e iniciação sexual entre jovens de três capitais brasileiras. *Caderno de Saúde Pública*, 2009. DOI:10.1590/S0102-311X2009001400005

MARTINS, C. B. G.; ALMEIDA, F. M.; ALENCASTRO, L. C.; DE MATOS, K. F.; DE SOUZA, S. P. S. Sexualidade na adolescência: mitos e tabus. *Ciencia y enfermería*, v. 18, n. 3, p. 25-37, 2012.

OLIVEIRA-MONTEIRO, N. R. R.; RAMOS, R. Y. A. N. M. Condições psicológicas e comportamentos sexuais de adolescentes. *Psicologia Argumento*, v. 34, n. 87, 2017.

PRUST, L. W.; GOMIDE, P. I. C. Relação entre comportamento moral dos pais e dos filhos adolescentes. *Estudos de psicologia*, Campinas, v. 24, n. 1, p. 53-60, 2007.

SOARES, A. L. B.; MELCHIADES, L.; REZENDE, R. R., DIAS, R. C.; MATIAS, C. A.; LIMA, C.; MIOTO, T. S. Problemáticas da gravidez na adolescência. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 5, p. 50638-50645, 2021.

TRONCO, C. B.; DELL'AGLIO, D. D. Caracterização do comportamento sexual de adolescentes: iniciação sexual e gênero. *Revista Interinstitucional de Psicologia*, v. 5, n. 2, p. 254-269, 2012.

WOLTER, I. D. S. Educação em Sexualidade para jovens e adolescentes: percepção dos participantes do Programa Teen Star no Brasil. Florianópolis: UFSC, 2021. p. 1-62.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Sexual Health, Human Rights and the Law. Geneva: WHO, 2015.



CAPÍTULO 5

A PRÁTICA REGULAR DE ATIVIDADE FÍSICA VOLTADO AO BEM ESTAR E PROMOÇÃO DA SAÚDE EM PACIENTES

*THE REGULAR PRACTICE OF PHYSICAL ACTIVITY
AIMED AT WELL-BEING AND HEALTH PROMOTION IN
PATIENTS*

Erik Bernardes Moreira Alves¹
Gustavo Tavares de Melo Maruco²
Bianca Gabrielle Ferreira Moraes³
Gustavo Batista Oliveira⁴
Marianne Aguiar e Silva⁵
Beatriz Laboissiere Chaer⁶
Arthur de Moraes Lago⁷
Maria Odília Souza Brito⁸
Larissa Mello Brandão⁹
Vittória Gleisla Pereira França¹⁰
Vitória Correia dos Santos¹¹

DOI: 10.46898/rfb.9786558892373.5

1 erikbernardes.moreira11@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-1005-9482>

2 gustavommaruco@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-5994-8240>

3 biancaferreiramo@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-6557-7754>

4 gustavobat04@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-1789-4760>

5 marianneaguiar00@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-6869-8589>

6 biachaer@hotmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-3673-3719>

7 arthurmlago@academico.unirv.edu.br, <https://orcid.org/0000-0001-9318-8812?lang=en>

8 mariaodiliasb@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-7573-6229>

9 larissamellobrandao@hotmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-5733-4082>

10 vittoriagl@outlook.com, <https://orcid.org/0000-0003-1248-8907>

11 vitoria_pgtu@hotmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-7225-557X>

RESUMO

Qualidade de vida e bem estar são frentes intimamente correlacionadas e, supostamente, controversas face à temática da vida moderna. Esse fenômeno ocorre dada a relação causa – consequência entre o atual estilo de vida contemporâneo e o sedentarismo, enquanto a qualidade de vida correlaciona-se a movimentação, gerando saúde física no organismo do paciente. Neste trabalho, busca-se estabelecer um vínculo entre as três temáticas e o bem estar mental e físico do paciente. Ao fim do estudo, denota –se que o maior e melhor fator resultante da prática de atividade física é a elevação da qualidade de vida do paciente, alcançando a realização plena do mesmo.

Palavras-chave: Educação Física e treinamento. Exercício Físico. Medicina do Esportiva. Qualidade de Vida. Saúde.

ABSTRACT

Quality of life and well-being are closely correlated and supposedly controversial fronts in the face of the theme of modern life. This phenomenon occurs due to the cause - consequence relationship between the current contemporary lifestyle and sedentarism, while quality of life correlates to movement, generating physical health in the patient's body. In this work, we seek to establish a link between these three themes and the mental and physical well-being of the patient. At the end of the study, it is denoted that the biggest and best factor resulting from the practice of physical activity is the elevation of the quality of life of the patient, reaching the full realization of the same.

Keywords: Exercise. Quality of Life. Sports Medicine. Physical Education and Training.

1 INTRODUÇÃO

Existiria uma máquina mais perfeita e de maior complexidade de funcionamento que o corpo humano? Essa máquina funciona de maneira conjunta à maneira que cuidamos dela e a estimulamos, sofrendo influência pelos hábitos desenvolvidos, sejam eles saudáveis ou não. Para auxiliar nesse processo, existem inúmeros profissionais habilitados para orientar na prática de atividades físicas. Essas atividades são especificamente orientadas para cada indivíduo, voltadas a melhorar na estrutura física e funcional do organismo.

O sedentarismo é o principal fator causador pela elevação dos casos de comorbidades vinculadas a atividade física, ou, no caso, a ausência dela. O acometimento por AVC, diabetes mellitus, hipertensão arterial e infarto agudo do miocárdio, por exemplo, relacionam-se diretamente a inatividade física, vista cada vez mais em pacientes jovens demais para o acometimento da doença. Este fenômeno preocupa cada vez mais profissionais da saúde, sejam médicos ou profissionais da educação física, e entidades da saúde, como o Ministério da Saúde do Brasil, Organização Mundial da Saúde (OMS) e a Organização Panamericana de Saúde (OPAS), caracterizando-se como um problema de saúde pública.

Sendo assim, é de suma importância associar os benefícios da prática de atividade física à melhoria na qualidade de vida do paciente e, conseqüentemente, como lidará com o cotidiano à sua volta.

2 QUAIS OS BENEFÍCIOS ACARRETADOS PELA ATIVIDADE FÍSICA?

A prática de atividade física e seus benefícios revela-se um tema recorrente em abordagens vinculadas à saúde dada sua elevada relevância nas áreas da medicina e da educação física, sejam de maneira individual ou de forma interrelacionada. Destarte, valoriza-se a prática de exercícios físicos dentro do ambiente escolar, para pacientes pediátricos, e do trabalho, voltado à saúde do trabalhador, sendo orientada por um profissional da área.

De acordo com as pesquisas de SANTOS (2001), esse estímulo à prática esportiva em meios profissionais e educacionais eleva a qualidade de vida dos seus praticantes, assim como sua saúde, desestimulando, assim, o sedentarismo, visto cada vez mais comumente na era das telas, na qual usa-se cada vez mais computadores e televisões. Imperativo destacar e vincular a melhora imunológica de pessoas fisicamente ativas, ficando menos propensas ao acometimento de comorbidades sazonais ou, até mesmo, inerentes à idade.

O estímulo deve partir, além de instituições de ensino e empresários/ contratantes, por entidades não governamentais, como meios midiáticos, podendo estender até a associações de bairro. Para tal, a prática de exercícios realizada no mínimo 2 vezes por semana já é considerada uma prática válida. Associar o hábito à redução do tempo em frente a computadores, televisões e celulares é o ideal, visto que a prática televisiva promove ainda mais o fenômeno do sedentarismo.

Frente a relevância da prática constante, assim como sua discussão, a Organização Mundial da Saúde (OMS) prevê o equilíbrio entre a atividade física, o bem-

-estar e a qualidade de vida. Para tal, a Organização estabelece um equilíbrio entre o estado psicológico, físico, vinculado as suas relações sociais, crenças e a maneira que o indivíduo lida com o meio ambiente como o necessário para a o bem estar e, consequentemente, a qualidade de vida.

Dada a importância e a relevância da temática, inclusive, para o desenvolvimento humano, o conceito retromencionado e orientado não se deve limitar somente ao âmbito político para fins de estabelecimento de diretrizes, deve – se estender à esfera prática, não se afastando de objeto de estudos e análises para aplicação destas medidas. Esse processo deve ser realizado com o intuito de estabelecer uma constante busca pela autopreservação e autocuidado, buscando maneiras diversas e possíveis para concretização desse ato, adaptando o máximo possível para o cotidiano corrido do paciente, de maneira gradual até que se torne um hábito.

Entre os benefícios gerados pela prática da atividade física, pode-se citar:

- A maior disposição em decorrência da liberação da endorfina associada à movimentação do conjunto osteomuscular;
- Maior eficiência no controle de distúrbios psiquiátricos, como ansiedade e depressão, devido a liberação da serotonina, vinculado ao maior contato com outras pessoas, aumentando, inclusive, o ciclo social do paciente;
- Melhor aptidão física, elevando o condicionamento físico do paciente, associado a maior tonificação muscular, melhora na capacidade respiratória, cardíaca e circulação sanguínea do paciente;
- Melhora na qualidade do sono, principalmente, relacionado a liberação de serotonina, intimamente vinculado ao ciclo circadiano, controlando melhor o sono e o famigerado estado de vigília;
- Redução na incidência de estresse, devido redução no nível de cortisol, produção de ácido lático, maior liberação de endorfina, provocando sensação de bem estar e de prazer;
- Regulação do peso corporal e, consequentemente, redução de morbimortalidade. Isso deve-se ao fato de que a obesidade elevar o número de óbitos, além da incidência de diabetes, hipertensão e hipercolesterolemia, por exemplo.

Entretanto, uma mesma atividade física não é indicada para todos os pacientes, haja vista que cada um tem sua devida preferência e especificidade. Para esses paciente, dá-se a nomenclatura de grupo especial, englobando aqueles que possuem alguma condição ou problema de saúde, sendo ela reversível ou não.

Grupos especiais dentro da Medicina do Esporte e da Educação Física necessitam de atenção especial e cuidados intensos, evitando uma agravamento da sua situação, podendo ser até letal dependendo da patologia relacionada. Dentro dessa classificação, enquadram-se pacientes arteroscleróticos, com hipercolesterolemia, diabéticos e hipertensos, pacientes pediátricos, cardiopatas, obesos, tabagistas e alcoólatras, deficientes físicos ou com deficiência cognitiva, por exemplo.

Os integrantes do grupo especial podem ser subdivididos nas seguintes classificações:

- Aparentemente saudáveis: aqueles assintomáticos com a presença de somente um fator coronário;
- Risco aumentado: aqueles que possuem sintomatologia sugestiva de doenças cardiopulmonares e/ou metabólicas;
- Doença diagnosticada: pacientes já diagnosticados com doenças pulmonares ou cardíacas.

Baseando-se nessa classificação, cabem aos profissionais que acompanham o paciente a escolha do melhor exercício para cada paciente. O responsável deve prezar pela saúde do paciente, respeitando princípios, como o da beneficência e o da não maleficência, tomando as devidas precauções para não agravar o quadro. Para tal, uma série de atividades alternativas podem ser adotadas, visando o bem estar e priorizando a saúde do mesmo. Entre essas, pode-se citar: a caminhada, o ciclismo, a corrida, a natação, por exemplo, e outras atividades aeróbicas.

A caminhada é uma prática física orientada a grande parcela populacional, na qual há melhora no condicionamento físico, combate direto a obesidade e possível prevenção das comorbidades vinculadas, controle respiratório e regulação do humor, por exemplo.

O ciclismo é uma atividade voltada ao controle do corpo, vez que exige equilíbrio físico e capacidade de direcionamento do corpo. Além disso, a atividade vincula-se, ainda, ao fortalecimento muscular, como dos músculos da perna, ao melhor desempenho cardíaco e da circulação sanguínea.

A corrida revela - se uma excelente atividade física em razão dos inúmeros benefícios associados. Contudo, esta atividade praticada sob à orientação profissional

considerando que pode agravar patologias pré existentes em joelhos, causar astenia, quadros de enjoos, angina e hipotensão em iniciantes ou pacientes que costumam sofrer desse mal.

A natação é, constantemente, indicada a pacientes que possuem problemas respiratórios, vez que possibilita a umidificação dos pulmões, tem ação vasodilatadora, auxiliando na circulação sanguínea no organismo praticante. Esse esporte auxilia, ainda, no controle muscular, como diafragma e demais músculos auxiliares na respiração, exercendo influência no controle respiratório.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho consiste em uma revisão literária que buscou abordar resultados encontrados em pesquisas acerca da temática em questão, seja de maneira abrangente, ordenada ou sistemática. Para realização do trabalho, seguiu-se as seguintes etapas:

- 1) Seleção das temáticas correspondentes;
- 2) Seleção das amostras encontradas e usadas;
- 3) Análise das características da pesquisa original;
- 4) Análise dos resultados obtidos;
- 5) Realização da revisão.

As bases de dados de literatura científica e técnicas utilizadas na realização da revisão foram Google Acadêmico, Scientific Electronic Library Online (SciELO), Biblioteca Virtual em Saúde, Literatura Latino-Americana e de Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), utilizando os buscadores: “Exercício físico e qualidade de vida”, “Atividade física e acometimento da saúde”, “Benefícios do exercício físico para homeostasia orgânica” e “Bem estar pela prática física”.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

As pesquisas realizadas que corroboraram para a análise acima descrita auxiliaram na maior elaboração de medidas que provocarão um estilo de vida mais saudável. Para tal, a prática regular de exercícios físicos são fundamentais, a associação de alimentação saudável, cuidados com o corpo do próprio paciente, respeitando suas limitações físicas e, até mesmo, psicológicas. Para tal, a prática de atividades físicas não resume-se a somente uma única prática esportiva, como a musculação, haja vista que o fato de ativar a musculatura corpórea, principalmente por meio de atividades aeróbicas, já cumpriria com o objetivo da prática do exercício físico. Sendo assim, torna-se possível o desenvolvimento de hábito saudáveis à saúde humana.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática de atividade física mostra-se intimamente correlacionada a qualidade de vida, configurando-se como essencial aqueles que buscam viver bem, com mais tempo e mais saúde, mesmo nos tempos em que as telas e a qualidade de vida laboral tomaram conta.

A fim de desenvolver da melhor maneira possível a prática de atividade física e, conseqüentemente, uma maior qualidade de vida, torna-se fundamental a consulta a profissionais da medicina e da educação física, analisando a melhor maneira de alcançar o objetivo almejado de acordo com a realidade de cada indivíduo. Além do trabalho multidisciplinar e interligado dos profissionais, o cultivo de hábitos saudáveis também é primordial.

Objetivando arraigar a cultura dos bons hábitos, deve-se realizar o processo de conscientização e de sensibilização populacional sobre a importância da prática de atividades físicas com o intuito de melhorar a sua saúde, assim como a de seus funcionários, alunos, colegas e familiares.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Denise S. M. S. de.; ARAUJO, Claudia G. S. de. Aptidão física, saúde e qualidade de vida relacionada à saúde em adultos. Rev. Bras. Med. Esporte _ Vol. 6, Nº 5 – Set/Out, 2000.

ASSUMPÇÃO, Luís OT; MORAIS, Pedro Paulo de; FONTOURA, Humberto. Relação entre atividade física, saúde e qualidade de vida. Notas Introdutórias. **Revista Digital**, v. 8, n. 52, p. 1-3, 2002.

BRASIL. Censo Demográfico 2010 – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Brasília. Brasil. 2010.

BRASIL. Relatório sobre Saúde no Brasil – Ministério da Saúde. Brasília. Brasil. 2015.

DREHER, Daniela D. GODOY, Leony P. A qualidade de vida e a prática de atividades físicas: estudo de caso analisando o perfil do frequentador de academias. Anais: XXIII Encontro Nac. de Eng. de Produção - Ouro Preto, MG, Brasil, 21 a 24 de out de 2003.

PEREIRA, Larissa A. SILVA, Alexandre V. da, MORELLI, Graziella A.S. A importância do lazer na terceira idade: um estudo de caso em Ribeirão Preto. Apostilamento. Ribeirão Preto. SP. 2012

SANTOS, Ana Lucia P. dos. A Relação entre a Atividade Física e Qualidade de Vida. Tese (Doutorado em Educação Física). USP. SP. 2009. 199 páginas.

SILVA, Rodrigo Sinnott et al. Atividade física e qualidade de vida. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, p. 115-120, 2010.

SOARES, H. E. Educação física como condição para a qualidade de vida dos portadores de necessidades especiais. 2001. 81f. Dissertação (Mestrado Engenharia de Produção) - Centro Tecnológico. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

ZAMAI, Carlos A. MORAES, Marco A. A. de. BANKOFF, Antônia D.P. MENDES, Roberto T. Atividade Física na Promoção da Saúde e da Qualidade de Vida: Contribuições do Programa Mexa-se Unicamp. Apostilamento em PDF. Cedência. UFMS. 2018.

CAPÍTULO 6

DESENVOLVIMENTO DE DIABETES MELLITUS TIPO 2 FRENTE CONTAMINAÇÃO PELO VÍRUS SARS-COV-2

DEVELOPMENT OF TYPE 2 DIABETES MELLITUS DUE TO CONTAMINATION BY THE SARS-COV-2 VIRUS

Erik Bernardes Moreira Alves¹
Gustavo Tavares de Mello Maruco²
Laís da Costa Tavares³
Bruna Rojo Brito⁴
Gustavo Batista Oliveira⁵
Bruna Victoria Alves Teixeira Furtado⁶
Arthur de Moraes Lago⁷
Iago Mendes Mendonça⁸
Lorena Martins Nagata⁹
Vitória Correia dos Santos¹⁰
Clara Maria Ribeiro Duarte¹¹

DOI: 10.46898/rfb.9786558892373.6

1 erikbernardes.moreira11@gmail.com, <http://lattes.cnpq.br/1449821778039298>

2 gustavommaruco@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-5994-8240>

3 laiscostatavares@gmail.com, <http://lattes.cnpq.br/8289461177309708>

4 bruna-rojo@hotmail.com, <http://lattes.cnpq.br/2992228433211794>

5 gustavobat04@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-1789-4760>

6 brunavictoriaf@hotmail.com, <http://lattes.cnpq.br/7798663337011667>

7 arthurmlago@academico.unirv.edu.br, <https://orcid.org/0000-0001-9318-8812?lang=en>

8 dr.iagomend@gmail.com, <http://lattes.cnpq.br/9927222601011303>

9 lorenanagatamed@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-1487-6436>

10 vitoria_pgutu@hotmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-7225-557X>

11 claramaria98rd@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-7378-457X>

RESUMO

O trabalho em tela busca estabelecer a correlação entre a Diabetes Mellitus e o acometimento pela COVID-19. Essa relação torna-se nítida ao evidenciar a pré disposição entre o vírus SARs-CoV-2 aos sítios de ligação da Enzima Conversora de Angiotensina 2 -ACE2-. Essa enzima está presente em elevada concentração no endotélio cardíaco e pulmonar, principalmente nas ilhotas pulmonares. Esse fenômeno permite que o SARs-CoV-2, devido sua afinidade pelo ACE2, tenha ação pancreática, ocasionando resistência insulínica e, consequentemente, a uma hiperglicemia e, posteriormente, a diabetes mellitus tipo 2.

Palavras-chave: Infecções por Coronavírus. Diabetes Mellitus. Vírus da SARs.

ABSTRACT

The following work seeks to establish the correlation between Diabetes Mellitus and the involvement of COVID-19. This relationship becomes clear when evidencing the pre disposition of the SARs-CoV-2 virus to the binding sites of the Angiotensin Converting Enzyme 2 -ACE2-. This enzyme is present in high concentration in the cardiac and pulmonary endothelium, especially in the pulmonary islets. This phenomenon allows SARs-CoV-2, due to its affinity for ACE2, to have pancreatic action, causing insulin resistance and, consequently, hyperglycemia and, subsequently, type 2 diabetes mellitus.

Keywords: Coronavirus Infections. Diabetes Mellitus. SARs vírus.

1 INTRODUÇÃO

A COVID-19 - Doença do Coronavírus (tradução: Coronavirus Disease) é uma síndrome respiratória de elevada transmissibilidade e alta taxa de mortalidade, principalmente entre pacientes que são portadores de comorbidades, como obesidade, diabetes e hipertensão, dentre outras. Esse vírus provoca no organismo do paciente infectado o acometimento de uma série de órgãos e de tecidos, causando sintomas de graves e ou, algumas vezes, sendo assintomática, correndo o risco de levar o paciente a óbito.

A Diabetes Mellitus é uma enfermidade na qual o organismo interrompe, total ou parcialmente, a produção de insulina necessária para direcionar a glicose pancreática, ocasionando níveis exacerbatantes de hiperglicemia. Essa patologia sofre influência da Enzima Conversora de Angiotensina 2 (ECA2), correlacionando-a a COVID-19.

O ECA2 trata-se de um receptor presente em diversos tecidos do organismo, como alvéolos pulmonares, endotélio vascular e ilhotas pancreáticas, havendo o fornecimento de um hormônio anabólico e hipoglicemiante, a insulina. O referido receptor, além de muito importante, é de extrema periculosidade, dada sua afinidade com o vírus da COVID-19. Sendo assim, o ECA2 é a porta de entrada do SARS-CoV-2 nas células humanas, utilizando a proteína SPIKE viral. Assim, ocorre a elevação da expressão molecular na superfície de células humanas, causando a infecção sistêmica e provocando a gravidade da patologia.

Tratando-se do âmbito pancreático, estudos observacionais mostraram que o acometimento viral pode causar hiperglicemia, normalmente transitória, devido acometimento da região e inflamação das ilhotas. Dessa forma, há uma redução ou, até mesmo, perda da sua função produtora e excretora de insulina que seria utilizada no metabolismo e internalização glicêmica ao pâncreas. A longo prazo, se não tratada, os efeitos podem se tornar definitivos, ocasionando uma hiperglicemia contínua, gerando um quadro de Diabetes Mellitus.

Frente a isso, o seguinte trabalho busca analisar a literatura que aborde casos de paciente diagnosticados com COVID que tenham desencadeado o quadro diabético.

2 METODOLOGIA

O presente trabalho consiste em uma revisão sistemática de literatura que buscou abordar resultados encontrados em pesquisas acerca do desenvolvimento de diabetes mellitus em paciente infectados pelo SARs-CoV-2, seja de maneira abrangente, ordenada ou sistemática. Para realização do trabalho, seguiu-se as seguintes etapas:

- 1) Seleção das temáticas correspondentes;
- 2) Seleção das amostras encontradas e usadas;
- 3) Análise das características da pesquisa original;
- 4) Análise dos resultados obtidos;
- 5) Realização da revisão.

As bases de dados de literatura científica e técnicas utilizadas na realização da revisão foram Google Acadêmico, Scientific Electronic Library Online (SciELO), Biblioteca Virtual em Saúde, Literatura Latino-Americana e de Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), utilizando os buscadores: “correlação entre COVID-19 e hiperglicemia”, “fisiopatologia SARs-CoV-2”, “diabetes mellitus pós COVID-19” e “diabetes por SARs-CoV-2”.

Assim, o presente trabalho procura não somente analisar a interface do acometimento pela COVID-19, mas também, evidenciar a possível correlação entre a infecção e o desenvolvimento de diabetes mellitus.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Doença do Coronavírus (COVID-19) surgiu pela primeira vez no fim de 2019, na província de Wuhan, na China, espalhando-se pelo mundo nos meses subsequentes, sendo classificada como pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em março de 2020. Essa patologia acomete vias aéreas superiores e causa diversas repercussões a diferentes órgãos e tecidos do organismo infectado.

Frente a alguns estudos observacionais, constatou-se alguns pacientes COVID-19 positivos estavam desenvolvendo diabetes pós infecção. Apesar de não haver, até a época, nenhum estudo que comprovasse o fenômeno, sabia-se que existia essa correlação. Esse fato deve-se principalmente à relação estabelecida entre a conexão ao vírus SARs-CoV-2 e a Enzima Conversora de Angiotensina 2 (ECA2) com a hiperglicemia transitória, sendo que essa condição pode ou não resolver espontaneamente ao fim do quadro de COVID.

Ademais, a condição que pode provocar um quadro de hiperglicemia transitória também pode levar a uma disfunção pancreática, devido a inflamação das ilhotas pancreáticas, que têm elevada expressão de ECA2, enzima receptora do vírus. Diante do risco de acometimento, as ilhotas interrompem a síntese e a secreção insulínica.

Frente a realização de hemograma, observou-se que determinadas enzimas indicativas de infecção, como lactato desidrogenase, alfa hidroxibutirato desidrogenase, Alanina aminotransferase e Gama glutamil transpeptidase leucócitos, encontravam-se patologicamente elevadas em paciente com quadro de pneumonia por COVID-19. Mostraram-se, também, elevadas as taxas de lactato desidrogenase, alfa hidroxibutirato desidrogenase, Alanina aminotransferase e Gama glutamil transpeptidase, indicando possível lesão de órgãos, como rim, fígado e miocárdio.

A referida lesão observada por meio dos exames hematológicos deve-se ao fato da elevada distribuição dos receptores de SARS-CoV-2 devido conexão pela Enzima Conversora de Angiotensina 2 (ECA2). Enzima atuante análoga ao ECA, porém, com maior vasodilatação e, logo em seguida, redução da pressão arterial. Destarte, ocorre a regulação do Sistema Renina Angiotensina.

Com o intuito de aprofundar na fisiopatologia em questão, constatou-se que a ECA2 possui alta susceptibilidade SARS ao ECA2 dependente do Domínio Receptor-Obrigatório (RBD). O RBD é uma porção viral presente na proteína Spike que será conectada a célula alvo, no caso, a ECA2.

Observando-se a estrutura da proteína SARs-CoV-2, na porção RBD, conectada ao ACE2, nota-se que a afinidade dessa ligação deve-se ao receptor proteína e ao receptor de pico. Ou seja, a composição de aminoácidos 442, 472, 479, 480 e 487 permitem o estabelecimento da afinidade ao ACE2 humano, ao se comparar a demais hospedeiros.

Constatou-se, ainda, que pacientes com maior expressão do ECA2 em suas superfícies celulares costumam ter maior propensão infecciosa, assim como a chance de agravamento da doença. A proteína Spike (proteína S) subdivide-se em subunidades S1 e S2. A subunidade S1 subdivide-se em domínios SA e SB, na qual o SB ligar-se-á ao ECA2. Já a subunidade S2 é mais glicosada e responsável pelo estabelecimento vírus-ECA2. Todo esse fenômeno torna-se ainda mais facilitado pelos receptores de ECA2 glicosados ao se comparar ao pela quantidade isolada de ECA2.

Observou-se, também, frente ao processo inflamatório agudo em pacientes COVID-19 diagnosticados, que, sem utilizar glicocorticoides no tratamento, houve alterações drásticas nas células alfa e em determinado subconjunto de células beta. Destarte, viu-se o desenvolvimento de agudo e repentino de diabetes. Associado a isso, tem-se a maior incidência de lesões pancreáticas, observando elevação na taxa de amilase e lipase, ocasionando a hiperglicemia transitória.

Salienta-se que não necessariamente o paciente precisa ser portador de diabetes mellitus previamente para sofrer com a hiperglicemia. Essa hiperglicemia, vinculada a expressão do ACE2 no pâncreas, sugere possível destruição das ilhotas e causar a referida diabetes mellitus.

No desenvolvimento de diabetes mellitus tipo 2, o SARs-CoV-2 caracteriza-se como um estímulo ambiental à condição endocrinológica. Ocorre a destruição das células β , a produção de novos antígenos e, logo em seguida, a destruição imuno-mediada das células β . Vale ressaltar, ainda, que a infecção do pâncreas exócrino circundante pelo SARS-CoV-2 pode vir a ocasionar uma disfunção das células das ilhotas, por meio da liberação de mediadores inflamatórios.

A destruição dessas células β pancreáticas pelo vírus SARs-Cov-2 interfere na produção insulínica, provocando hiperglicemia aguda e diabetes mellitus tipo

2 transitória. Assim sendo, a liberação elevada de citocinas inflamatórias (contrarreguladores ao efeito da insulina) no quadro de Doença do Coronavírus, tem fundamental relevância no nível de gravidade da doença devido potente ativação da resposta inflamatória sistêmica.

Destarte, a relação entre o COVID-19 e a hiperglicemia é oriunda da extrema ativação inflamatória iniciada a partir do momento em que se tem o contato com a COVID. Esse fenômeno dar-se-á pela contato com a COVID e a intensa diminuição da secreção insulínica e, quando disponibilizado, há resistência ao hormônio.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente ao trabalho apresentado, nota-se que o principal receptor para a entrada do SARs-CoV-2 é a Enzima Conversora de Angiotensina 2 (ACE2), encontrada determinadas células, como alveolares, pulmonares, ilhotas pancreáticas, cardíacas e outras. Percebe-se que a expressão de ACE2 no pâncreas pode lesionar as ilhotas, provocando repercussões endocrinológicas, como a hiperglicemia.

O SARs-Cov-2 utiliza o ACE2, como mecanismo de entrada em diversos tecidos, na qual a proteína Spike liga-se ao ACE2, elevando sua expressão na superfície celular. Dessa forma, eleva-se o risco de infecção e o nível de gravidade da doença.

A contaminação pela Doença do Coronavírus eleva a produção de mediadores inflamatórios hematológicos, assim como, a angiotensina, promovendo a resistência insulínica, hiperglicemia e dano endotelial vascular. Sendo assim, ocorrerá a inflamação de uma das ilhotas pancreáticas, ocasionando uma hiperglicemia transitória, por meio da ligação do vírus com o receptor de ACE2, evoluindo a uma diabetes mellitus que pode ou não se resolver com o fim da doença.

REFERÊNCIAS

BRUFISKY, Adam. Hyperglycemia, hydroxychloroquine, and the COVID-19 pandemic. *Journal of medical virology*, v. 92, n. 7, p. 770-775, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/jmv.25887>

CERIELLO, A. et al. Why is hyperglycaemia worsening COVID-19 and its prognosis? *Diabetes Obes Metab*, v. 22, p. 1951-1952. 2020.

ESKANDARANI, R. M. et al. Diabetic Ketoacidosis on Hospitalization with COVID-19 in a Previously Nondiabetic Patient: A Review of Pathophysiology. *Clinical Medicine Insights: Endocrinology and Diabetes*, jan. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1179551420984125>

GHEBLAWI,M.et al.Angiotensin-Converting Enzyme 2: SARS-CoV-2 Receptor and Regulator of the Renin-Angiotensin System: Celebrating the 20th Anniversary of the Discovery of ACE2. *Circ Res*,v. 8, n. 10, p. 1456-1474, Mayo.2020Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32264791/>

GUO,W.et al.Diabetes is a risk factor for the progression and prognosis of COVID-19. *Diabetes/metabolism research and reviews*, v. 36, n. 7, p. e3319, 2020

Hoffmann M, Kleine-Weber H, Schroeder S, Krüger N, Herrler T, Erichsen S, et al. SARS-CoV-2 Cell Entry Depends on ACE2 and TMPRSS2 and Is Blocked by a Clinically Proven Protease Inhibitor. *Cell*. 2020 Apr 16;181(2):271-280.e8. doi:10.1016/j.cell. 2020. 02.052.

Huang C, Wang Y, Li X, Ren L, Zhao J, Hu Y,. et al. Clinical features of patients infected with 2019 novel coronavirus in Wuhan, China. *Lancet*. 2020 Feb 15;395(10223):497-506. doi: 10.1016/S0140-6736(20)30183-5.

ILIAS,I.et al.Glycemia, Beta-Cell Function and Sensitivity to Insulin in Mildly to Critically Ill Covid-19 Patients. *Medicina(Kaunas)*, v. 14, n. 1, p. 68, jan.2021.

Pal R, Bhansali A. COVID-19, diabetes mellitus and ACE2: The conundrum. *Diabetes Res Clin Pract*. 2020 Apr;162:108132. doi:10.1016/j.diabres.2020.108132.

PAL,R.et al.COVID-19, diabetes mellitus and ACE2: The conundrum. *Diabetes Research and Clinical Practice*, v. 162, abr. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.diabres.2020.108132>

PERROTA,F.et al.Severe respiratory SARS-CoV2 infection: Does ACE2 receptor matter? *Respiratory Medicine*,[S.l.], v.168, p. 105996, Jul. 2020.

RUBINO, Francesco et al. New-Onset Diabetes in Covid-19. *The New England Journal of Medicine*. [S.l.], v.8, n.383, p.789-790, Jun./Ago. 2020.

SEOW,C. J.et al.Non autoimmune type 1B diabetes after mild COVID-19: Report of three cases.*Diabetes Metab Res Rev*,2021.Disponível em: <https://doi.org/10.1002/dmrr.3438>

SINGH, A. K.,et al.Hyperglycemia without diabetes and new-onset diabetes are both associated with poorer outcomes in COVID-19.*Diabetes research and clinical practice*,v. 167, 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7445123/>



CAPÍTULO 7

ABORDAGEM AO PACIENTE COVID-19 POSITIVO NA ATENÇÃO DENTRO DA ESTRATÉGIA DA FAMÍLIA

*APPROACH TO THE PATIENT COVID-19 POSITIVE IN
THE CARE WITHIN THE FAMILY STRATEGY*

Erik Bernardes Moreira Alves¹
Gustavo Tavares de Mello Maruco²
Larissa Mello Brandão³
Mileny Dyulia Dias Gomes⁴
Gustavo Batista Oliveira⁵
Bruna Victoria Alves Teixeira Furtado⁶
Arthur de Moraes Lago⁷
Laís da Costa Tavares⁸
Vitória Correia dos Santos⁹
Iago Mendes Mendonça¹⁰
Lorena Martins Nagata¹¹

DOI: 10.46898/rfb.9786558892373.7

1 erikbernardes.moreira11@gmail.com, <http://lattes.cnpq.br/1449821778039298>

2 gustavommaruco@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-5994-8240>

3 larissamellobrandao@hotmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-5733-4082>

4 mileny_dyulia@outlook.com, <https://orcid.org/0000-0002-8054-6315>

5 gustavobat04@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-1789-4760>

6 brunavictoriaf@hotmail.com, <http://lattes.cnpq.br/7798663337011667>

7 arthurmlago@academico.unirv.edu.br, <https://orcid.org/0000-0001-9318-8812?lang=en>

8 laiscostatavares@gmail.com, <http://lattes.cnpq.br/8289461177309708>

9 vitoria_pgtu@hotmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-7225-557X>

10 dr.iagomend@gmail.com, <http://lattes.cnpq.br/9927222601011303>

11 lorenanagatamed@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-1487-6436>

RESUMO

O trabalho em tela busca abordar o papel multidisciplinar desenvolvido por profissionais da saúde na Estratégia Saúde da Família, vislumbrando a preocupante realidade desencadeada pela pandemia do COVID-19 que se tornou um desafio mundial. No intuito de cumprir com a proposta, foram realizadas pesquisas na Biblioteca Virtual de Saúde com cruzamentos dos pares. Buscou-se, também, fundamentos e dados em bibliotecas virtuais diversas, com enfoque em trabalhos produzidos entre os anos de 2009 e 2022. Por fim, foi possível observar medidas eficazes de acolhimento e tratamento dos pacientes cumprindo com os objetivos proposta pela Atenção Básica e adequando-se à nova realidade exigida pela pandemia causada pelo SARs-CoV-2.

Palavras-chave: Infecções por Coronavírus. Atenção Primária da Saúde. Estratégia Saúde da Família. Medicina da Família e Comunidade.

ABSTRACT

The study seeks to address the multidisciplinary role developed by health professionals in the Family Health Strategy, looking at the worrisome reality triggered by the pandemic of COVID-19, which has become a global challenge. In order to comply with the proposal, research was carried out in the Virtual Health Library with cross-referencing of pairs. It was also searched for foundations and data in several virtual libraries, focusing on works produced between the years 2009 and 2022. Finally, it was possible to observe effective measures for the reception and treatment of patients, fulfilling the objectives proposed by Primary Care and adapting to the new reality required by the pandemic caused by the SARs-CoV-2.

Keywords: Coronavirus Infections. Primary Health Care. Family Health Strategy. Family Practice.

1 INTRODUÇÃO

A Estratégia na Saúde da Família (ESF) é considerada a porta de entrada para o Sistema Único de Saúde- SUS. O paciente deve buscar o atendimento de saúde por meio dos ESFs, na qual é organizado o funcionamento da Atenção Básica, com propostas de medidas que busquem a promoção da saúde, da prevenção de enfermidades, de diagnóstico (principalmente, precoces), do tratamento ideal para cada caso e da rápida reabilitação, preconizando atender aos princípios do SUS.

Dada tamanha importância e relevância do SUS, a pandemia do COVID-19 trouxe uma série de desafios ao modelo pré existente de organização dos ESFs, visto que os profissionais precisaram abranger cada vez mais o paciente num contexto geral, incluindo pessoas que os cercam e o ambiente na qual o mesmo encontra-se inserido.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No final de 2019, na cidade de Wuhan na China, foram identificados diversos casos de infecções respiratórias causadas por um novo vírus, de elevada transmissibilidade, denominado SARS-CoV-2 (severe acute respiratory syndrome coronavirus). Em território brasileiro, os primeiros casos foram notificados ao Ministério da Saúde – MS, no fim do mês de fevereiro de 2020, diagnosticado em pacientes que estavam retornando de viagens internacionais de países como China, França e Itália, por exemplo. Em um curto espaço de tempo, o Ministério da Saúde recebeu registros de transmissão interna dentro do país, iniciada nas cidades de São Paulo e, posteriormente, no Rio de Janeiro.

As infecções causadas por este vírus são adquiridas pela transmissão de gotículas oriundas, principalmente, de tosse e/ ou espirro, podendo dar-se por contato direto entre pacientes ou por contato indireto. A ao entrar em contato com superfícies contaminadas, o vírus atinge as vias respiratórias altas. A síndrome pode cursar para manifestações mais graves, como a pneumonia e bronquiolite, levando o paciente a um potencial risco de vida.

Em decorrência deste fenômeno, as ESFs desempenharam um papel fundamental de promoção de saúde no contexto pandêmico, abordando questões referentes à: saúde física, mental, nutricional e odontológica, principalmente, no período de isolamento social.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho consiste em uma revisão qualitativa de literária que buscou abordar resultados encontrados em pesquisas acerca do trabalho da Estratégia na Saúde da Família e o atendimento frente à realidade pandêmica da COVID-19, seja de maneira abrangente, ordenada ou sistemática. Para realização do trabalho, seguiu-se as seguintes etapas:

- 1) Seleção das temáticas correspondentes;
- 2) Seleção das amostras encontradas e usadas;
- 3) Análise das características da pesquisa original;

- 4) Análise dos resultados obtidos;
- 5) Realização da revisão.

As bases de dados de literatura científica e técnicas utilizadas na realização da revisão foram Google Acadêmico, Scientific Electronic Library Online (SciELO), Biblioteca Virtual em Saúde, Literatura Latino-Americana e de Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), utilizando os buscadores: “COVID-19”, “COVID na atenção básica” e “Infecções por Coronavírus”.

Assim, o presente trabalho procura não somente analisar a interface do acontimento pela COVID-19, mas também, evidenciar os diversos conteúdos acerca do tema em questão, visando lançar luzes para um caminho educativo, esclarecendo possíveis maneiras para tratar a COVID-19 vinculando a Medicina da Família e Comunidade.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No início do ano de 2020, época em que o vírus chegou ao Brasil. O país não se encontrava preparado para enfrentar a doença, assim como outras nações, visto a quantidade de periferias presentes no Brasil. A dificuldade de enfrentamento foi agravada pelo despreparo de vários profissionais para tal situação, desconhecimento aprofundado do vírus e o elevado grau de discrepância social que há no Brasil. Essa realidade ocasionou uma situação preocupante e tenebrosa, elevando a gravidade da pandemia.

A COVID-19 é uma síndrome causada pelo respectivo vírus, dado de maneira direta ou indireta entre pacientes ou superfícies contaminadas. O período de incubação do vírus após contaminação é, em média, de 3 a 5 dias, havendo situações a qual se estendeu por até 14 dias, ocasionando diversos sintomas, sendo dos mais leves ao mais graves.

Como sintomatologia leve, tem-se relatos de febre, tosse seca, mialgia, cefaleia, diarreia, dor de garganta. Verificou-se outros sintomas, quais sejam: dispneia, anosmia, cacosmia, hipogeusia, ageusia e disgeusia. Em relatos mais graves, pode haver síndrome de desconforto respiratório e, até mesmo, a necessidade de cuidados em unidades de terapia intensiva.

Devido sua grande variedade sintomatológica, a COVID-19 caracteriza-se como um problema de saúde pública devido possível confusão com demais doenças. Nesse âmbito, a Estratégia Saúde da Família (ESF) configura-se como porta de entrada do Sistema Único de Saúde (SUS), ou seja, o primeiro contato do indivíduo

com o serviço de saúde, sendo, inicialmente, altamente buscada por pacientes que sentiam sintomas de COVID-19, mas não eram ainda diagnosticada.

No Brasil e em diversos outros países nos quais a situação SARs-CoV-2 tornou-se crítica, algumas medidas de contenção viral foram adotadas, como fechamento de universidades, de aeroportos, de escolas, de shoppings, reduzindo a circulação de linhas de ônibus intermunicipais e interestaduais, associado ao fechamento de demais locais que poderiam estimular aglomerações de pessoas.

Com a disseminação do vírus COVID-19, surgiram determinadas demandas de cuidados em saúde, principalmente, devido à nova realidade epidemiológica ocasionada pela pandemia. Assim, o trabalho multidisciplinar de diferentes frentes dentro da área da saúde se tornou cada vez mais integralizado, atuando de maneira gradativamente mais crítica, reflexiva, criativa e humanizada. Para tal, os profissionais da saúde incipientes no mercado de trabalho encontram-se cada vez mais preparados para “o que der e vier”, com o intuito de saber lidar com as diferentes intercorrências que podem surgir ao longo da sua vida profissional.

Com o intuito de lidar com a COVID-19, respeitando os princípios da equidade, a população brasileira teve que lidar com diversas questões, consideradas, até mesmo, um tabu da saúde pública, como as diferenças sociodemográficas. Fez-se necessário, ainda, a alteração político sanitária na esfera pública, com a elaboração e o respeito a protocolos de saúde, com o intuito de promover a saúde a todos, tentando atenuar as diferenças entre distintas realidades que possam haver.

Para o tratamento da COVID-19, os profissionais da área da saúde devem compreender o mecanismo de ação do vírus e transmissão viral, as formas de contágio, a proporção social que o fenômeno pode ocasionar, o acometimento psicológico e financeiro que pode haver, associando a promoção da saúde, prevenção da condição e não disseminação da mesma.

Os profissionais da saúde, dentre, médicos, enfermeiros, nutricionistas e psicólogos, desenvolvem competências técnicas cada vez mais voltadas ao atendimento humanizado, abordando toda realidade a qual o mesmo se encontra inserido, vez que os pacientes são seres humanos oriundos de contextos diversos. Essas vítimas da pandemia tiveram não somente sua saúde física afetada, mas também sua saúde mental, na qual muitos desenvolveram distúrbios psiquiátricos, distúrbios alimentares e prejuízos no seu âmbito pessoal e financeiro.

Vale ressaltar que o corpo integrante que trabalha na Equipe da Saúde da Família (ESF) é composto por 01 médico (generalista ou especialista em Saúde da Família e Comunidade), 01 enfermeiro (generalista ou especialista em Saúde da Família e Comunidade), 01 cirurgião-dentista (generalista ou especialista em Saúde da Família e Comunidade), 01 psicólogo, 01 técnico ou auxiliar de enfermagem, 01 técnico de saúde bucal e agentes comunitários de saúde.

Face a essa brusca alteração de realidade, a Atenção Básica disponibilizada na Estratégia da Saúde e da Família precisou sofrer uma série de adaptações. Sendo assim, a ESF se reorganizou ao ponto de abordar as diferentes realidades sociais encontradas no Brasil e as necessidades que foram exigidas pelo período pandêmico.

Os grandes danos causados pela COVID-19 fizeram com que a saúde pública brasileira adaptasse para atender cada vez mais a necessidade dos pacientes, trabalhando cada vez mais o “ver, o “agir” e o “sentir”. Houve, assim, uma alteração na realidade, cuidando mais dos indivíduos e passando segurança a eles, buscando tratar o paciente no seu contexto social, não somente com um indivíduo a parte.

As medidas adotadas frente ao contexto pandêmico buscaram organizar da melhor maneira possível os ESF, atendendo os pacientes com cuidado e cumprindo com as ações de saúde propostas pela Estratégia. Ao paciente com COVID-19, deve ser despendido um atendimento humanizado, escutando o que o mesmo tem a falar, analisando seus sinais e sintomas, orientando da maneira devida e encaminhando a respectivas frentes responsáveis, de acordo com a gravidade de cada caso. Além disso, deve-se promover a educação em saúde, estabelecendo um trabalho multidisciplinar entre os profissionais da unidade que se fizerem necessários.

Toda a equipe da ESF acima deve, de maneira conjunta, rastrear e monitorar pessoas infectadas, assim como pessoas próximas que tiveram contato com o paciente com diagnóstico positivo. Ao realizar esse processo, os profissionais devem orientar o estabelecimento do isolamento social, recomendada pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Para tal, o paciente com diagnóstico positivo deve evitar contato com pessoas domiciliadas juntos e contatos comunitários, reduzindo contágios, seguindo a seguinte medida:

- Pacientes assintomáticos com 5 dias de diagnóstico por teste viral (antígeno ou PCR): refaz o teste. Se der negativo, liberado do isolamento. Caso dê positivo, prolongar o isolamento.
- Pacientes assintomáticos com 7 dias de diagnóstico por teste viral (antígeno ou PCR): Não se faz necessário repetir o exame, estando liberado para contato com comunidade.
- Pacientes sintomáticos com 7 dias de diagnóstico por teste viral (anti-

geno ou PCR): Deve-se realizar novo teste viral. Se der negativo, o paciente está liberado do isolamento social. Caso dê positivo, o isolamento deve ser mantido.

- Pacientes assintomáticos com 10 dias de diagnóstico por teste viral (antígeno ou PCR): Não se faz necessário repetir o exame, estando liberado para contato com comunidade.
- Pacientes sintomáticos com 10 dias de diagnóstico por teste viral (antígeno ou PCR): a equipe médica responsável deve avaliar a necessidade de prolongar por até 20 dias o isolamento social, analisando os respectivos sinais e sintomas do paciente.

Os profissionais da ESF devem estar inteirados e constantemente atualizados sobre as medidas de prevenção, de tratamento e de diagnóstico do COVID, assim como a maneira de tratar cada paciente que obtiver diagnóstico positivo, fornecendo o atendimento ideal para cada tipo de paciente e suas respectivas necessidades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Face ao abordado, extrai-se a importância do trabalho multidisciplinar, realizado na Atenção Básica na Estratégia Saúde da Família (ESF), desenvolvendo um atendimento junto ao paciente como um indivíduo social. Ao paciente, não pode ser dispensado um atendimento que o considere como um ser único e isolado. Torna-se imprescindível a abordagem ampla abordando-o como um todo, principalmente quando se trata do acometimento pelo COVID-19.

Nesse âmbito, é de suma importância que a ESF disponibilize à população um atendimento eficaz, realizado por profissionais capacitados para atuar na Atenção Básica a fim de adotar medidas, como educação em saúde. Destaca-se, ainda, a necessidade de se atentar aos sinais e sintomas apresentados pelo paciente e encaminhá-lo, caso necessário, à unidade de saúde responsável.

REFERÊNCIAS

David HMS Let al. Pandemia, Conjunturas de Crise e Prática Profissional: qual o papel da enfermagem diante da COVID-19. Rev Gaúcha Enferm. 2021;42(es-p):e20190254. [Acesso em 04 jan. 2022]. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/43820>.

Gallasch CH et al. Prevenção relacionada à exposição ocupacional: COVID-19. Rev enferm UERJ, Rio de Janeiro, 2020;28:e49596. [Acesso em 27 dez. 2021]. Disponível em: <https://aps.bvs.br/lis/resource/?id=47389>.

Brasil. Ministério da Saúde. Portaria nº 2.436, de 21 de setembro de 2017. Aprova Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Disponível em: <http://www.brasilsus.com.br/index.php/legislacoes/gabinete-do-ministro/16247-portaria-n-2-436-de-21-de-setembro-de-2017>.

Silvia PM et al. La planificación de decisiones anticipadas como estrategia preventiva de conflictos éticos en urgencias y emergencias durante y después de la COVID-19 –Rev Bio y Der. 2020; 50:189-203. [Acesso em 19 dez. 2021]. Disponível em: <https://revistes.ub.edu/index.php/RBD/article/view/31646>.

Campos MR et al. Carga de doença da COVID-19 e de suas complicações agudas e crônicas: reflexões sobre a mensuração (DALY) e perspectivas no Sistema Único de Saúde. Cad. Saúde Pública. 2020;36(x):e00148920. [Acesso em 13 fev. 2022]. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/44501>.

Ximenes N et al, Coordenação do Cuidado, Vigilância em Monitoramento de casos da COVID-19 na Atenção Primária à Saúde. Enferm. Foco 2020;11(1):Especial 239-245. [Acesso em 29 dez. 2021]. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/video/atencao-primaria-saude-e-vigilancia-no-enfrentamento-da-covid-19>.

JAPIASSU, Renato Barbosa et al. Como a Estratégia de Saúde da Família pode ser considerada ferramenta de apoio no combate ao COVID-19. 2020.

PIEDADE, Amanda Simundi et al. As demandas de saúde mental na pandemia por Covid-19: breves considerações. **ANAIS DA MOSTRA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DO CESUCA-ISSN 2317-5915**, n. 15, 2021.

FILLIS, Michelle Moreira Abujamra et al. Saúde do trabalhador em tempos de COVID-19: a experiência do município de Londrina. **APS em Revista**, v. 2, n. 2, p. 106-113, 2020.

PESQUISAS EM TEMAS DE Ciências da Saúde

Volume 16



PESQUISAS EM TEMAS DE Ciências da Saúde

Volume 16



RFB Editora
Home Page: www.rfbeditora.com
Email: adm@rfbeditora.com
WhatsApp: 91 98885-7730
CNPJ: 39.242.488/0001-07
Av. Augusto Montenegro, 4120 - Parque Verde,
Belém - PA, 66635-110

